

*Matheus Laureano
Wilson Garcia*

COLEÇÃO
LIVRE-PENSAR:
ESPIRITISMO PARA O SÉCULO XXI
SÉRIE 1

Allan Kardec: fundador do espiritismo

Matheus Laureano
Wilson Garcia

Allan Kardec:
fundador do espiritismo

COLEÇÃO **LIVRE-PENSAR:**
ESPIRITISMO PARA O SÉCULO XXI



Série **1** - Livro **8**

2023



ORGANIZADORES DA COLEÇÃO:
*Ademar Arthur Chioro dos Reis, Mauro de
Mesquita Spínola e Ricardo de Moraes Nunes*

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO:
Magda Zago

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angelica Ilacqua CRB-8/7057

Laureano, Matheus

Allan Kardec: fundador do espiritismo / Matheus Laureano,
Wilson Garcia. -- [S.l.]: CPDoc; CEPA, 2023.

4 Mb; PDF (Coleção livre-pensar: espiritismo para o século
XXI; Série 1; Livro 8 / organizado por Ademar Arthur Chioro dos
Reis, Mauro de Mesquita Spínola, Ricardo de Moraes Nunes)

ISBN 978-65-89240-32-7

1. Espiritismo 2. Kardec, Allan, 1804-1869 - Doutrina 3. Kardec,
Allan, 1804-1869 – Biografia 4. Kardec, Allan, 1804-1869 – Crítica
e interpretação I. Título II. Garcia, Wilson III. Reis, Ademar Arthur
Chioro dos IV. Spínola, Mauro de Mesquita V. Nunes, Ricardo de
Moraes VI. Série

23-6397

CDU 133.7
CDD 133.9

APRESENTAÇÃO

“(...) o livre-pensamento eleva a dignidade do homem; dele faz um ser ativo, inteligente, em lugar de uma máquina de crer”.

Allan Kardec (*Revista Espírita*, fevereiro, 1867)

A CEPA - Associação Espírita Internacional e o Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) têm a honra de apresentar ao público espírita e não espírita a ***Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI***.

A primeira série da ***Coleção Livre-Pensar*** tem por finalidade apresentar, de forma sintética, porém sem prejuízo da precisão conceitual, os posicionamentos teóricos do chamado espiritismo laico e livre-pensador, que tem se desenvolvido em diversos países, nas Américas e na Europa nos últimos anos.

Editada em quatro idiomas - português, espanhol, inglês e francês -, visa a uma divulgação o mais abrangente possível do espiritismo laico e livre-pensador.

Essa perspectiva tem se caracterizado por ser um outro olhar sobre o espiritismo fundado por Allan Kardec em 1857, a partir da publicação de sua obra magistral, *O livro dos espíritos*, e de sua institucionalização e popularização em várias regiões do planeta.

À medida que foi se disseminando, o espiritismo submeteu-se a processos de absorção e miscigenação, ao conjunto de saberes e às práticas religiosas e sociais próprias do contexto histórico e cultural de cada país e de cada época.

Em alguns países, como o caso do Brasil, por exemplo, o processo histórico e cultural de feitiço católico encontrado pelo espiritismo resultou na formação de mais uma religião de caráter cristão, em prejuízo dos princípios de racionalidade e livre pensamento propostos por Allan Kardec nos primórdios do espiritismo.

Este fenômeno do sincretismo tem ocorrido com o espiritismo em outros países tornando-o uma religião menor, deslocando-o de seu natural posicionamento epistemológico, e fazendo com que perca seu potencial de abrir perspectivas para o

campo do conhecimento, em especial para as áreas da ciência e da filosofia.

Daí a necessidade, para os espíritas reunidos em torno da CEPA e do CPDoc, de uma releitura do pensamento espírita, na tentativa de resgatar a generosa proposta de Allan Kardec, que buscava construir uma filosofia espiritualista, laica, livre-pensadora, humanista e progressista, características fundamentais para que o espiritismo pudesse acompanhar o progresso do conhecimento, da ética e da espiritualidade no mundo contemporâneo.

A *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* pretende, portanto, apresentar ao leitor alguns temas fundamentais do espiritismo sob a perspectiva desta releitura, visando, com isso, ao esclarecimento do público espírita em geral e daqueles que se interessam pela temática espírita.

Apresenta e desenvolve, nesta série 1, um conjunto de temas fundamentais, que permitirão uma compreensão abrangente deste olhar contra-hegemônico ao pensamento predominante nos movimentos espíritas do Brasil e do mundo, sendo que tal olhar está proposto dentro do maior espírito de alteridade possível.

Todos os temas foram desenvolvidos a partir de uma abordagem que procurou a clareza, a concisão

e a precisão, visando trazer informações introdutórias fundamentais sobre o espiritismo e o movimento espírita, na perspectiva laica e livre-pensadora.

A *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* tem ainda o objetivo de oferecer aos estudiosos e divulgadores do espiritismo, bem como àqueles que se dedicam à organização de cursos, palestras e coordenação de grupos de estudos, um material de referência e apoio às atividades didáticas realizadas nas associações espíritas em geral.

Acreditamos que esta iniciativa ajudará a contribuir com o sadio debate sobre temas importantes do espiritismo, fazendo com que todos nós possamos amadurecer nossas reflexões sobre esta transcendental filosofia espiritualista fundada por Allan Kardec.

Os autores desta Série I – Temas Fundamentais - da *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* são intelectuais originários dos movimentos espíritas da Argentina, Brasil, Espanha e Venezuela que desenvolveram os temas a seguir:

- **O espiritismo na perspectiva laica e livre-pensadora**

Milton Rubens Medran Moreira (Brasil) e
Salomão Jacob Benchaya (Brasil)

- **A imortalidade da alma**
David Santamaria (Espanha)
- **Mediunidade: intercâmbio entre dois mundos**
Ademar Arthur Chioro dos Reis (Brasil) e
Yolanda Clavijo (Venezuela)
- **Reflexões sobre a ideia de Deus**
Ricardo de Moraes Nunes (Brasil) e Dante López
(Argentina)
- **Reencarnação: um revolucionário paradigma
existencial**
Mauro de Mesquita Spínola (Brasil)
- **A evolução dos espíritos, da matéria e dos
mundos**
Gustavo Molfino (Argentina) e Reinaldo Di Lucia
(Brasil)
- **Espiritismo, ética e moral**
Jacira Jacinto da Silva (Brasil) e Milton Rubens
Medran Moreira (Brasil)
- **Allan Kardec: fundador do espiritismo**
Matheus Laureano (Brasil) e Wilson Garcia
(Brasil)

O espiritismo, nas palavras do importante escritor e filósofo espírita brasileiro José Herculano Pires, ainda é o “grande desconhecido”. Ainda pairam sobre ele as sombras da incompreensão, que impedem que se veja seu brilho original enquanto proposta filosófica inédita que desvela os horizontes do Espírito sob os parâmetros das conquistas do pensamento moderno, que enfatiza a importância da razão e dos fatos.

A *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* pretende, portanto, jogar algumas luzes na proposta filosófica espírita, com a finalidade de aclarar o seu entendimento por parte de espíritas e não espíritas e também com vistas a resgatar seu potencial revolucionário de contribuição para uma nova visão do ser humano e do mundo.

Trata-se de uma tarefa ousada, porém necessária.

Ademar Arthur Chioro dos Reis

Mauro de Mesquita Spínola

Ricardo de Moraes Nunes

Organizadores

CEPA – ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL

Nesta *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI*, a CEPA se revela nos diversos volumes que compõem a Série 1, que trata dos temas fundamentais do espiritismo, bem como naqueles que seguirão e versarão sobre questões atuais e de igual importância para a vida em sociedade.

A CEPA – Associação Espírita Internacional, nasceu em 1946, na Argentina, fortemente influenciada pela tradição livre-pensadora surgida no movimento espírita espanhol, logo após o advento da Filosofia Espírita na França, em meados do século XIX, sob a direção de Allan Kardec.

Espíritas argentinos, cuja principal característica era a defesa do caráter progressivo, laico e livre-pensador do espiritismo, tiveram papel preponde-

rante na base do pensamento que sempre norteou os integrantes da CEPA.

Desde a sua fundação, a CEPA, inicialmente denominada Confederação Espírita Pan-americana, vem trabalhando pela construção e a consolidação da natureza filosófica e científica do espiritismo, tal como anunciado pelo seu próprio fundador, Allan Kardec.

Como intérprete do espiritismo original, define-o como **“ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”** e como **“filosofia espiritualista de consequências morais”**.

Sua natureza hoje é de uma Associação Espírita Internacional, integrada por pessoas e instituições espíritas dos diversos continentes. Caracteriza-se por ser um agrupamento de pessoas e instituições em torno do mesmo ideal livre-pensador, que não compactua com organizações verticais e autoritárias no âmbito do movimento espírita.

Os seus principais objetivos são:

- a) promover e difundir o conhecimento do espiritismo, a partir do pensamento de Allan Kardec, sob uma visão laica, livre-pensadora, humanista, progressista e pluralista;
- b) promover e estimular esforços voltados à atualização permanente do espiritismo;

c) promover a integração entre espíritas e instituições espíritas de todos os continentes que se identificam com os mesmos objetivos.

Valorosos estudiosos e pensadores reunidos em torno da CEPA vêm ampliando o alcance da Filosofia Espírita, somando esforços para restabelecer o seu sentido progressista original, lamentavelmente minimizado quando adquire equivocadamente a concepção de uma doutrina religiosa.

O espiritismo, sem adjetivos, é uma filosofia universalista com potencial libertador, motivo do comprometimento da CEPA com seus postulados originais, respeitado o contexto histórico vigente ao tempo do seu nascimento.

A associação de pessoas em torno do estudo do espiritismo, em sua mais lídima expressão, tem servido para o engrandecimento da própria filosofia espírita, que a todos pode servir independentemente de suas crenças e visões de mundo.

Em homenagem ao trabalho e à dedicação dos autores, deixo um convite carinhoso ao leitor para ler e analisar criticamente as contribuições, como um autêntico livre-pensador.

Jacira Jacinto da Silva
Presidente da CEPA

CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita

O CPDoc é, atualmente, um dos mais antigos centros de pesquisa do espiritismo em funcionamento no Brasil. Seu principal objetivo é o desenvolvimento e a divulgação de estudos e pesquisas com temática espírita, utilizando metodologia adequada para cada tema e contribuições das várias áreas do conhecimento. Busca, assim, contribuir para o aprimoramento do conhecimento como um todo e do espiritismo em particular.

O CPDoc nasceu em Santos (SP) no ano de 1988, fruto do sonho de jovens interessados em incrementar os estudos espíritas. Hoje possui participantes de vários estados brasileiros e de outros países. Os trabalhos são divulgados através de seu portal, em livros, nos órgãos da imprensa e em diversos eventos,

especialmente no Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita e nos Congressos e Conferências da CEPA, entidade à qual aderiu no ano de 1995.

Até o presente momento, o CPDoc tem em seu acervo os seguintes livros publicados ou a publicar:

- **Magnetismo e vitalismo e o pensamento de Kardec**, de Ademar Arthur Chioro dos Reis
- **Um Blues no meio do caminho**, de Paulo Cesar Fernandes
- **Centro espírita: uma revisão estrutural**, de Mauro de Mesquita Spinola
- **Teleco**, de Geraldo Pires de Oliveira
- **Igualdade de direitos e diferença de funções entre o homem e a mulher**, de Marissol Castello Branco
- **Mecanismo da mediunidade: Processo de comunicação mediúcnica**, de Ademar Arthur Chioro dos Reis
- **Criminalidade: educar ou punir**, de Jacira Jacinto da Silva
- **Ensaio sobre o Humanismo Espírita**, de Eugênio Lara
- **Os espíritos falam: Você ouve?**, de Wilson Garcia

- **Doca e o menino - O laço e o silêncio**, de Wilson Garcia
- **Perspectivas contemporâneas da reencarnação (autores diversos)**, organizado por Ademar Arthur Chioro dos Reis e Ricardo de Moraes Nunes
- **Os livros dos espíritos**, de Luís Jorge Lira Neto
- **Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI (autores diversos)**, organizado por Ademar Arthur Chioro dos Reis, Mauro de Mesquita Spinola e Ricardo de Moraes Nunes

O CPDoc possui também uma linha de cursos on-line, que apresenta o espiritismo com visão laica e livre-pensadora, utilizando modernas técnicas de educação a distância.

Todos os interessados em pesquisa podem participar do CPDoc, bastando que conheçam os fundamentos do espiritismo e sejam apresentados por integrantes do grupo.

Informações, trabalhos publicados, eventos promovidos pelo CPDoc e os cursos on-line estão disponíveis no portal do grupo:

<http://www.cpdocespirita.com.br>.

Wilson Garcia
Presidente do CPDoc

PREFÁCIO

Quando os organizadores da Coleção Livre Pensar me convidaram para escrever o Prefácio deste livro, com o título "*Kardec: fundador do espiritismo*", escrito por Wilson Garcia e Matheus Laureano, confesso que questioneei por que eu? No entanto, não recusei o convite, pois pressenti que algum aprendizado viria dessa experiência que para mim significou um desafio pessoal.

Considero-me uma estudiosa do Espiritismo desde tenra idade, ao viver em um ambiente familiar onde minha querida mãe manifestava faculdades mediúnicas, o que nos levou a buscar conhecimentos através do estudo dos livros de Kardec e de outros autores espíritas, que nos têm servido de guia para adquirir as ideias básicas e enveredar pelo caminho do estudo, trabalho e superação pessoal para o desenvolvimento e bom uso da mediunidade.

Os autores deste livro têm como objetivo divulgar em linguagem simples e atual a enorme contribuição que Allan Kardec nos legou. E para compreender esse personagem quiseram fazê-lo, não apenas fornecendo os dados biográficos mais notáveis, mas, além disso, realizam uma análise crítica sobre suas ideias, como surgiu, como se relacionou e se desenvolveu, para que o leitor possa conhecer e saber mais sobre sua obra e ideias e compreender sua enorme contribuição.

A obra de Kardec é imperecível por sua clareza, sua lógica e por fundamentar-se na observação imparcial dos fatos. Demonstrou que as relações entre homens e desencarnados constituem a pedra angular da filosofia científica do futuro. Em suas obras há deduções imediatas e tangíveis, ao alcance de todas as inteligências. O estudo da vida no plano espiritual é desenvolvido com o máximo rigor, assim como a responsabilidade das ações fica comprovada nas comunicações mediúnicas.

Concordo, como muitas pessoas pensam, que é importante e necessário divulgar Kardec, um homem simples, justo, que cumpriu o programa que trouxe para realizar nesta vida humana: a divulgação de sua bela e enriquecedora obra.

Neste livro, seus autores cumprem amplamente o objetivo que é proposto, que todos aqueles que não o conhecem possam ter acesso às informações que oferecem, fruto do estudo e da pesquisa da trajetória de sua vida; e nós que temos a alegria de conhecer as ideias e um pouco de sua biografia, ampliaremos mais os conhecimentos sobre Kardec.

Agradeço ao mundo espiritual por ter encontrado o Espiritismo em meu caminho e, 50 anos depois, tenho o privilégio de escrever este prefácio dedicado a Kardec, a quem agradeço com muito amor e valorizo a obra que nos legou.

Rosa Díaz Outeiriño

*Presidente da A.I.P.E. – Asociación Internacional
para el Progreso del Espiritismo (Espanha)*

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Executivo da CEPA – Associação Espírita Internacional pelo apoio incondicional ao projeto da Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI;

Aos membros do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) pela leitura crítica e sugestões que permitiram qualificar o nosso trabalho;

A Magda Selvera Zago pelo projeto gráfico, capa e diagramação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO 1. A VIDA DO PROF. RIVAIL ATÉ O “NASCIMENTO” DE KARDEC	27
CAPÍTULO 2 – O CONTEXTO E AS PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS SOBRE O PENSAMENTO DE KARDEC	33
2.1 Revolução Francesa	33
2.2 Ciência	39
2.3 O método	50
2.4 Filosofia	58
2.5 Moral	67
CAPÍTULO 3. KARDEC FOI SECRETÁRIO DOS ESPÍRITOS, CODIFICADOR OU FUNDADOR DO ESPIRITISMO?	85
CAPÍTULO 4. O PAPEL E O CARÁTER DA SPEE	92

CAPÍTULO 5. O PAPEL DA REVISTA ESPÍRITA	100
CAPÍTULO 6. AS OBRAS BÁSICAS: Destaque das obras mais importantes do ponto de vista da lógica pedagógica do espiritismo	106
CAPÍTULO 7. OS CONTINUADORES DE KARDEC	116
CAPÍTULO 8. ANÁLISE CRÍTICA DAS “REENCARNAÇÕES” DE KARDEC	121
CAPÍTULO 9. CONCLUSÃO	127
INDICAÇÕES DE LEITURAS DE INTERESSE	130
INDICAÇÕES DE SITES DE INTERESSE	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
SOBRE OS AUTORES	135

INTRODUÇÃO

“Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente”ⁱ

A partir desse axioma, o que era frívolo aos olhos da sociedade, para um atento professor e homem de ciência, era a oportunidade de descortinar a realidade que até então era difusa, especulada e pouco compreendida. O fenômeno das mesas girantes fazia sucesso nas rodas sociais de Paris e tantas outras cidades espalhadas pelo mundo, mas foi preciso que uma pessoa com inteligência e

-
- i. Este é um axioma lógico que está presente em diversas passagens de Kardec, e em várias épocas. Ele se utiliza desse axioma como ponto de partida para argumentações racionalistas para o desenvolvimento de diversas ideias que permeiam a sua obra.

capacidade de observar o que está além dos olhos para levantar o véu da ignorância acerca da relação entre os vivos e os mortos.

Construir uma obra tão vasta e com tanta profundidade, o coloca dentre os gênios da humanidade, no entanto isto não quer dizer que ele foi infalível, mas tão somente que o seu trabalho foi gigante e que tem conteúdo, força e energia suficiente para influenciar a humanidade e a forma como nos relacionamos uns com os outros e com a realidade espiritual.

Para entender essa persona, escolhemos um caminho um pouco diferente do usual. Além dos aspectos biográficos essenciais, realizamos uma análise crítica acerca de suas ideias e de como a persona Kardec surgiu, se desenvolveu, se relacionou e qual foi o seu legado para a humanidade. Entender Kardec é compreender suas ideias e o mundo em sua época. É igualmente necessário fazer leituras específicas de seu texto, procurando inspirações e contradições, pois não há obra tão vasta, sobre assunto tão grandioso, que não tenha contradições. É a humanização de Kardec e de sua obra, com toda sua potência e singeleza, mas também com suas atribulações que fazem parte da vida de todos nós. Desta forma, compreendê-lo por meio da letra é a única forma que temos hoje, mas não somente da

letra miúda, das citações, dos pequenos trechos, é preciso ter o entendimento geral de sua obra.

Faz-se necessário isso para não ficar preso à palavra, mas para refletir sobre a complexidade do pensamento deixado por Kardec, sobre o que está além do texto escrito, na intencionalidade das suas ideias. Pode parecer um exercício hermenêutico infrutífero, mas não é. A interpretação de qualquer obra extensa requer percorrer caminhos, pois esses são feitos de curvas, subidas, descidas, voltas, viadutos e muitas ruas adjacentes, congruentes, junções e cruzamentos. Esta é a nossa proposta com o presente livro: percorrer caminhos de entendimento de Kardec para compreender a sua enorme contribuição.

Tentamos ser o mais didático possível, escrevendo com simplicidade e com alguns aprofundamentos, assim como foi Kardec, para que o/a leitor/a possa ter compreensão e vontade de conhecer cada vez mais sobre sua obra e suas ideias.

Do “nascimento” de Kardec e sua preexistência como Rivail, passando pelo percurso histórico-político-social que pairava a sua época, adentramos no real papel dele frente ao seu diálogo com os espíritos e a construção do que é o espiritismo. A sociedade por ele presidida e a revista de divulgação

de suas pesquisas são pontos fundamentais de como enxergá-lo, diante de todos esses contextos que vamos apresentar. As principais obras para dar início a aventura do espiritismo, bem como entender o espiritismo pós Kardec, com os continuadores e os pretensos “Kardec’s” reencarnados dão o tom da necessidade de vê-lo como exemplo de criticidade e respeito para com tudo o que ele dedicava seu tempo.

Essa jornada em torno de Kardec pode não ser novidade para alguns, mas para muitos é um homem ainda a ser descoberto e estudado. Vamos conhecê-lo mais um pouco?

1 A VIDA DO PROF. RIVAIL ATÉ O “NASCIMENTO” DE KARDEC

O fundador do espiritismo nasceu de um parto literário no exato momento em que a última folha de papel correu pela prensa e trouxe à luz a primeira edição de *O livro dos espíritos*, na empresa gráfica do impressor Didier. Esse extraordinário fenômeno foi registrado século depois pela pena poética de Herculano Pires:

Allan Kardec nasceu a 18 de abril de 1857, em Paris. Sua certidão de nascimento não foi passada em cartório, mas impressa nas oficinas do editor Didier e exposta ao público na sua livraria. Cada cidadão que adquiria um volume da nova obra, tomava conhecimento da existência de um novo

escritor que surgia do longínquo passado gaulês: o sacerdote druida Allan Kardec, então reintegrado na vida moderna da antiga e misteriosa pátria¹.

Kardec nasceu, pois, com a publicação de sua obra fincada no interior do imenso campo do espiritualismo. Denizard foi buscar na história um nome para substituir aquele que trazia do berço, dentro de uma expectativa grandiosa de futuro para o conjunto de conhecimentos que o arrebatara. Utilizara-se de termos novos, ainda não contaminados por múltiplos significados, para definir o espiritismo e desejou que o seu responsável fosse um nome também novo no meio literário mundial, a fim de que os seres humanos pudessem apreciar com maior liberdade as ideias, sem precisar necessariamente ligá-las a sua figura de pedagogo, já bastante conhecida na França.

Chamava-se, então, Hippolyte Léon Denizard Rivail. Importante, pois, lembrar quem foi esta individualidade nascida em 3 de outubro de 1804 na cidade de Lyon, localizada cerca de 470 quilômetros ao sul de Paris, cujos habitantes são denominados na expressão francesa por *lyonnais*. Registre-se: Lyon, à época de Rivail, era um importante centro industrial e foi considerada mais tarde a capital mundial da seda, título que ostentou por muito tempo.

Do nascimento até os 50 anos de vida, quando teve o destino alterado profundamente, Rivail percorreu um caminho que, ainda hoje, se desvenda paulatinamente. Quando criança, viveu na localidade de Bourg-en-Bresse², então uma região rural distante mais de 60 quilômetros de Lyon, com sua mãe em casa da avó e o tio-avô.



Allan Kardec
(1804-1869)

Em 1807, viu seu pai sair de casa para uma possível missão militar e não mais retornar. Rivail foi depois levado à Suíça, a fim de estudar com o já então conhecido educador Johann Heinrich Pestalozzi:

O menino Rivail chegou aos 11 anos ao Instituto de Iverdon, levado pela mãe, para estudar com Pestalozzi. Aos 19 anos já estava em Paris, publicando obras, para aplicar o método pestalozziano na França, e durante 30 anos se dedicou à educação, dando aulas, dirigindo institutos, escrevendo obras didáticas e textos com propostas de vanguarda³.

As experiências do jovem Rivail com o mestre Pestalozzi marcaram profundamente o seu caráter e definiram o seu destino de homem interessado na educação. O primeiro dos inúmeros livros que viria

a escrever nessa área tem por título *Curso prático de Aritmética, segundo o método Pestalozzi*, com modificações, publicado em 1824, quando tinha apenas 20 anos de idade. Assim, até a idade de 50 anos, quando viria a interessar-se pelos novos fenômenos no campo do espiritualismo e em decorrência disso acabaria por edificar a Doutrina Espírita, escreveu dezenas de obras sobre educação, constituindo-se, pois, um notório pedagogo.

Rivail, contudo, não se limitou à teoria. Colocou-se desde muito cedo no terreno da prática do ensino como professor, tendo fundado e dirigido, já em 1825, uma Escola de 1º Grau que três anos depois passou às mãos de outro responsável, indo dirigir um Pensionato para meninos e outras instituições de ensino ao longo do tempo, tal o Liceu Polimático, à frente do qual esteve por cerca de 10 anos. Em 1835, um anúncio dava conta das matérias lecionadas ali: instrução religiosa, leitura comum e leitura de oratória, escrita; língua francesa, retórica e literatura; latim, grego, inglês, alemão, geografia, história, aritmética e geometria usuais, matemática superior; desenho geométrico de plantas [planos], máquinas e obras de arte; desenho acadêmico e paisagístico; geografia astronômica; física e a química usuais; anatomia fisiológica e higiênica; anatomia

aplicada ao desenho e à pintura; mecânica aplicada às artes; tecnologia; um curso completo de estudos comerciais e industriais; um curso preparatório para o bacharelado em artes e ciências⁴.

CURIOSIDADE

Junto às atividades educacionais, Rivail também exerceu sua criatividade com invenções. Em maio de 1835 duas delas foram noticiadas no jornal *Le Censeur* de Lyon: um medidor de parâmetros do vento e um sistema de dessalinização, aparentemente sem maiores repercussões⁵.

Registre-se: Rivail dominava outras línguas, tais como o inglês e o italiano, e um dos primeiros trabalhos profissionais a que se dedicou logo que deixou o Instituto de Yverdon foi a tradução para o alemão de escritos de Fenelon, trabalhos esses que foram utilizados posteriormente em diversas instituições de ensino.

Rivail – apontam estudos e documentos, mas também algumas afirmações dele mesmo – era do tipo racional, metódico e objetivo, sem nenhuma proximidade com o estilo romântico e o poético. Casou-se em 1832 com Amélie Gabriele Boudet, a quem conheceu um ano antes.

Amélie era dedicada ao estudo e ensino das Artes, para a qual possuía grande sensibilidade, tendo também produzido escritos e livros sobre o assunto. À época em que se casou com ela, Rivail tinha 27 anos de idade e Amélie 36. Ela se tornou o seu braço direito desde então, apoiando-o em toda a sua carreira profissional e, depois, no período de aproximadamente 15 anos em que Rivail se dedicou à fundação do espiritismo. Não tiveram filhos naturais.



Amélie, quando estudante.

Foto rara.

As primeiras notas biográficas de Allan Kardec registram haver ele sido médico, bem como se tornado maçom. Estudos e documentos que ainda hoje estão vindo à luz, revelam que ambas as informações não se comprovam.

2 O CONTEXTO E AS INFLUÊNCIAS

2.1 Revolução Francesa



Prise de la Bastille (Tomada da Bastilha). Quadro de Jean-Pierre Louis Laurent Houel (1735-1813), retratando o evento crucial para a Revolução Francesa. Fonte: [Prise de la Bastille]: [dessin] / Hoüel pinxit | Gallica (bnf.fr)

A França do fim do século XVIII e início do século XIX vivia uma efervescência intelectual, social e moral muito intensa, com o iluminismo, a revolução francesa, revolução industrial e o estabelecimento da ciência como norma de vida. Se nada disso era novo quando o senhor Hippolyte Léon Denizard Rivail já era Kardec, esse emaranhado de contextos vai se juntar à sua própria história de vida, fortemente marcada por perdas pessoais e uma enorme predisposição de encontrar respostas para os grandes desafios da existência e o sentido da vida.

O primeiro passo é entender a Revolução Francesa, que se constitui no marco político ideológico mais importante da história ocidental. Nenhuma revolução nasce do nada, e esta emergiu a partir de uma situação caótica vivida na França, em que a população crescia (depois da Rússia, era a maior da Europa), estava em péssimas condições de vida e com muitos passando fome. Mesmo com o Estado endividado, a realeza continuava a se exhibir, escandalosamente, como se tudo estivesse bem, ou como não se importasse com o povo. Para piorar a fome, em 1788 houve o inverno mais rigoroso em décadas, fazendo com que os preços dos alimentos aumentassem ainda mais e, principalmente, o preço do pão forçasse as pessoas a diminuir seu consumo.

Uma situação que, juntamente com as ideias iluministas, foi colocando a aristocracia liberal, que não queria perder os privilégios, contra a monarquia.

O Iluminismo francês pregava a razão e questionava as heranças da pobreza como condenação eterna para a maioria, e a riqueza como júbilo eterno para a nobreza e seus descendentes.

O contexto de dívida pública, extrema pobreza, perda de privilégios e um país malgovernado, desencadeou em julho de 1789 com o estabelecimento da Assembleia Nacional Constituinte (que limitava os poderes do rei e pretendia acabar com os privilégios clericais e da nobreza), e a famosa Queda da Bastilha, que é o principal símbolo do início da revolução. Em agosto daquele ano foi proclamada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. São os três marcos do início da revolução. É preciso entender que a Revolução Francesa construiu uma cultura política completamente nova, em que solidificou “o potencial mobilizador do republicanismo democrático e a arrebatadora intensidade da mudança revolucionária⁶”, isto é, os confrontos foram moderados não somente por violência, mas também por novos símbolos e linguagens que buscavam construir uma *consciência coletiva* acerca das mudanças necessárias que estavam em curso na França.

Ainda que a intenção dos revolucionários fosse uma maior igualdade entre os cidadãos franceses, por meio de leis e de profundas mudanças na política francesa, a estabilidade política e econômica não foi alcançada nos primeiros anos da revolução, nem no pós-revolução. É verdade que a revolução trouxe grandes avanços na ideia de uma educação universal, laica, pública, gratuita e para ambos os sexos, uma vez que os revolucionários queriam uma nova nação e a educação era compreendida como o meio mais eficaz de construir cidadãos preparados para isto. Então em 1792, Condorcet é eleito presidente do *Comitê de Instrução Pública da Assembleia Legislativa Francesa* e apresenta o Plano de Instrução Nacional, em que expõe as ideias elencadas acima, dando os primeiros passos para as mudanças mais profundas que o país viveu.

Rivail nasce em 1804, quinze anos depois da primeira fase da revolução, mas os ecos da mesma perduraram por décadas na França, Europa e pelo mundo. Quando de seu nascimento, o golpe que levou Napoleão Bonaparte ao poder absoluto na França estava concluído, depois de ter sido iniciado no 18 Brumário em 1799. Apesar de a revolução idealizar a liberdade, a igualdade e a fraternidade, na prática esse lema passou longe de ser uma realidade.

Apesar do discurso humanista, havia sempre terror, perseguição e morte travestidos de justiça. Enquanto no campo das ideias a revolução trouxe importantes reflexões e influências no mundo ocidental, no campo prático foi um período de intensos conflitos. De 1792 até 1815 a Europa conviveu quase que incessantemente com guerras entre nações ou civis. Ao invés de levar a França para a modernidade que tanto almejava, a revolução acabou mudando o poder de mãos, mas manteve um estado burocrático e monarquista absolutista.

A França da primeira metade do século XIX era um país dividido, polarizado. De um lado, os representantes girondinos que estavam no poder, na figura de Napoleão Bonaparte. Do outro, os jacobinos que haviam perdido o poder, mas continuavam a exercer forte influência, especialmente na classe trabalhadora e nos camponeses. Apesar de duradouros, os períodos napoleônicos não foram de tranquilidade.

Este período que se iniciou em 1789, era envolto de uma ideia central de liberdade, no entanto havia sempre a sombra da violência e da guerra, no que Eric Hobsbawm chamou de *A Era das Revoluções*, que perdurou até 1848⁷. Na França, assim como em toda a Europa, três revoluções modificaram a estrutura política e social da maioria dos países oci-

dentais: entre 1820-1824 na Europa, mais especificamente na região do Mediterrâneo; entre 1829-1834 afetou toda Europa, chegando até o oeste da Rússia, desencadeando grandes mudanças sociais e econômicas; e em 1848, quando ocorreu a maior onda revolucionária europeia, conhecida também como primavera dos povos, e que se estendeu por quase toda a Europa e contestava os poderes autocráticos que ainda persistiam.

Apesar de o ideário ser de liberdade, igualdade e fraternidade, que se desenvolveria com um estado e educação laicas, o século XIX foi de muito conflitos, de progressos e retrocessos. Na Segunda República Francesa, em março 1850, foi aprovada a Lei Falloux proposta pelo Ministro da Instrução Francês, André Falloux, que *"...submeteu o magistério das escolas primárias públicas às autoridades eclesiásticas, bem como favorecia as escolas secundárias católicas, a título de apoiar a liberdade de Ensino"*. Então as políticas públicas, escolas, academias e parte da ciência já não gozavam do laicismo, mas de uma forte

-
- ii. Observatório da Laicidade. Para saber mais, pode-se consultar: <http://ole.uff.br/franca/>. Além do referido artigo, aconselhamos a leitura do artigo A laicidade republicana em França ou os paradoxos de um processo histórico de laicização (séculos XVIII-XXI) de Valentine Zuber que pode ser acessado em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/1370>.

presença da Igreja, seja seus membros ocupando cargos, ou atuando na fiscalização do que era ensinado e estudado nos centros educacionais.

2.2 Ciência

Rivail nasceu, cresceu e desenvolveu boa parte de suas ideias neste período de muita efervescência na França. Foi um período de muitas contradições, traições e crescimento econômico no país. Talvez por vivenciar essa realidade francesa, ter uma educação na Suíça e enveredar profissionalmente para a educação, tenha construído para si um caráter de bom senso, de observar sempre o todo, para poder tirar conclusões:

Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método da experimentação; jamais ocasionei teorias preconcebidas: observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação como válida senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos⁸.

O bom senso, o cuidado e a responsabilidade para com os fenômenos da vida não fizeram dele um

homem alheio ao mundo, mas um exímio analista da realidade. Se as mesas girantes encantavam as pessoas, ele não se deixava levar pelo entretenimento fácil, pois um homem que professava a educação não poderia se deixar levar por meras futilidades.

Com as suas observações, Kardec conecta o espiritismo com o magnetismo, a tal ponto de chamá-lo de irmão do espiritismo. Ele já conhecia e era partidário do magnetismo, e conseguiu enxergar que esse novo fenômeno (espiritismo) era a continuação, o avanço necessário que o magnetismo precisava, bem como colocou na conta do magnetismo o sucesso rápido do espiritismo. Mais ainda, disse que as duas ciências, na verdade são uma.

Assim como o magnetismo, o espiritismo também trouxe à ciência controversos aspectos da realidade, mas que Kardec conseguiu encontrar o eixo que faz a engrenagem do magnetismo ter sentido: o espírito.

No entanto, o que para Kardec era simples, a partir de suas observações, à sua época a ciência vivia um momento muito peculiar de afirmação, pois a realidade do século XIX é de ascensão da ciência como modo de vida e principal motor de uma sociedade, a fonte verdadeira de conhecimento e o apogeu que a humanidade poderia alcançar. Entre 1830 e 1842 publicou um conjunto de textos

intitulados *Curso de Filosofia Positiva* e com o livro *Discurso Sobre o Espírito Positivo*, lançado em 1844, Augusto Comte desenvolveu as ideias contidas na Lei dos Três Estados, com um pressuposto básico do positivismo que influenciou fortemente o espiritismo:

*"Para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva, é indispensável ter, de início, uma visão geral sobre a **marcha progressiva do espírito humano**, considerado em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história"*⁹.

Nessa marcha progressiva, Comte diz que o conhecimento passa por três estados históricos diferentes: teológico, metafísico e científico. No primeiro, busca-se a natureza íntima, as causas primeiras e finais, ou seja, o conhecimento absoluto e, para isso apresenta como respostas seres sobrenaturais agindo de forma arbitrária no universo como explicação para as anomalias que ocorrem na natureza. No segundo estado, derivação do primeiro, os agentes sobrenaturais dão lugar a personificações abstratas. Não está mais no campo da imaginação, mas utiliza-se da razão como meio transitório para o terceiro estado. O estado científico ou positivo é o estado em que as explicações ou os fenômenos não ocorrem porque uma entidade abstrata ou um ser sobrenatural

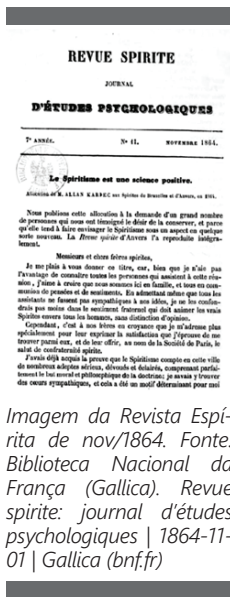
quer, mas as explicações devem ser pautadas pela observação e postular leis efetivas sobre as relações existentes entre os fenômenos particulares, específicos, com poucos fatos gerais, com os quais a ciência aos poucos tende a diminuí-los.

Kardec não se furtou de, diversas vezes, dizer que o espiritismo é uma ciência positiva. Isso não é um mero jogo de palavras, mas uma busca de inserir os fenômenos espíritas dentro de um sistema de conhecimento que era tido como o mais avançado na época. Da mesma forma, era uma maneira de convencer os seus pares (filósofos, cientistas e demais pensadores) a também entrarem na empreitada e pesquisarem o fenômeno espírita, uma vez que Kardec buscou apoio de pessoas ligadas à ciência, pois entendia que o que ele descobrira era grandioso e precisaria de muitos esforços e de mais pessoas pesquisando o fenômeno, para um melhor desenvolvimento dessa nova ciência que se demonstrava cada vez mais possível de ser observada e estudada pelos métodos científicos:

"Eis um fato capital, senhores, que deve ser proclamado bem alto. Não, o espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos

da própria natureza, em fatos positivos, que se produzem a cada instante sob os nossos olhos, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação; numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre o mundo visível e o Mundo Invisível; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que, tende certeza, ocupará o seu lugar ao lado das ciências positivas. Digo positivas, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.¹⁰"

Para ficar bem entendido: o sistema de conhecimento Positivo, ou a filosofia Positiva expressava os anseios dos homens da ciência, aglutinava ideias sobre a prevalência da ciência sobre as outras formas de conhecimento, numa época propícia, de profundo avanço científico e tecnológico e a inseria no centro do conhecimento e do desenvolvimento das sociedades, inaugurando uma era de apogeu social da ciência que perdura até os dias atuais. Essa nossa predileção pela ciência, em que a



utilizamos como referência para atestar se as coisas são verdadeiras ou falsas, teve início como sistema, como norma social a partir do positivismo de Comte. Nas palavras de Kardec:

O espiritismo, por sua vez, vem mostrar uma nova lei, uma nova força da Natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto a da gravitação e da eletricidade, conquanto ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foram todas as outras leis na época de suas descobertas. (O espiritismo é uma Ciência Positiva – Revista Espírita, Nov. 1964)

Kardec insere os fenômenos espíritas como fenômenos naturais, que se expressam por todo o globo, e que não dependem da ação ou vontade nossa, como a chuva, o relâmpago, a gravidade etc. Assim sendo, a ação dos espíritos no mundo material é um evento natural e que agora (a partir da metodologia espírita) é observável, mensurável e, para a qual, pode-se estabelecer Leis.

Não se constrói uma escola de conhecimento sozinho. Não se constrói uma doutrina sozinho. A busca de “encaixar” a doutrina espírita como uma ciência positiva se estabelece também para que outras pessoas de ciência possam fazer parte, contribuir para o avanço desse novo campo de estudos e, conseqüentemente, encorpar o número de pensa-

dores(as) respeitáveis que estão a descobrir um novo mundo, invisível aos nossos olhos, mas que é composto por personalidades inteligentes tal qual é o nosso mundo e com ele se relaciona.

No entanto, apesar da insistência de Kardec em inserir o espiritismo como ciência positiva, há alguns problemas de fundo nesse quesito. A primeira questão de *O livro dos espíritos* é uma afronta ao pensamento positivista: *Que é Deus?* Nada mais inserido no paradigma da metafísica que essa questão. Aliás o primeiro tomo do livro discorre justamente sobre a divindade, o universo, a eternidade, o infinito, a criação, princípio vital, enfim, de maneira clara Kardec começa a doutrina espírita com o propósito ou de se afastar do positivismo ou de querer alargar o pensamento positivista, trazendo para uma lógica científica questões de cunho metafísico.

A metafísica proposta por Kardec não tinha nada de novo. Ele mesmo disse isso, mas fazer a conexão entre a metafísica e a ciência experimental, de forma consistente, duradoura, tomando forma de escola de pensamento, isso sim é obra dele. Se a divindade é concebida *a priori*, o espírito, suas ações na matéria e a relação com o mundo material é o triunfo da ciência espírita, e Kardec tem atuação fundamental nessa concepção. E isso não é pouco.

Esse é um problema de fundo e prático, uma vez que se estabelece que a ciência é o único meio racional de conhecimento da verdade, que o senso comum, a metafísica e as demais formas de conhecimento não implicam em verdades do fato, mas tão somente numa frágil *experiência imediata*. Assim, um ramo do conhecimento que trate da divindade, das relações entre os mundos material e imaterial, que trate das relações subjetivas entre esses mundos e que traga consequências das mais diversas entre essas relações, não poderia ser encarada como ciência pelo paradigma vigente.

Esse *totalitarismo*ⁱⁱⁱ científico foi uma forma dogmática de se estabelecer, de dizer ao mundo que o conhecimento da verdade só é possível a partir de seu princípio epistemológico e suas regras metodológicas. As demais formas de conhecimento ou não são confiáveis, ou não interessam à ciência. Essa aproximação a uma forma totalitária de encarar a verdade é o resultado de séculos de contribuições científicas e filosóficas que faziam críticas à religião, e as formas de conhecimento que não eram baseadas na observação e sem uma metodologia científica. E como forma de se firmar e de se impor como única,

iii. Termo bem utilizado por Boaventura de Sousa Santos em seu famoso Ensaio Sobre as Ciências, em que faz uma importante crítica entre as ciências e a sociedade.

VOCÊ SABIA?

Werner Heisenberg conta que quando foram fundadas as academias científicas, elas estavam preocupadas em erradicar todas as ideias de magia e superstição. Então decidiram fazer experimentos para refutar essas ideias, utilizando os próprios livros de magia. Em algumas academias científicas, os membros tinham que fazer um juramento de nunca discutir fatos gerais, apenas os fatos específicos, então as teorias sobre a natureza tiveram que se limitar aos fenômenos individuais e não às ligações mais amplas entre si¹¹.

a ciência estava disposta a se mostrar como sendo a solução e o melhor para o progresso da sociedade. Como consequência disso, Kardec precisou inserir o espiritismo como ciência positiva.

O Positivismo postulou como regra de uma sociedade baseada na ciência que não devemos nos preocupar com questões gerais, universais, pelo contrário, devemos nos ater aos fatos específicos, extrair leis específicas e conhecer cada vez mais sobre cada vez menos. Isso trouxe a variedade de especificidades na ciência que buscaram conhecer mais sobre os pequenos fenômenos da natureza. Assim a matemática foi-se tornando a linguagem da ciência, e está se afastando cada vez mais da sociedade e ficando restrita aos iniciados nas academias.

Outro ponto do positivismo é que a ciência deve se ater ao observável. Isso faz parte do progresso dentro da Lei dos Três Estados, ou seja, a ciência não mais deve se preocupar com o imaginário teológico ou as abstrações metafísicas, mas se desenvolver em torno dos fatos observáveis.

Por que então querer enquadrar o espiritismo dentro do sistema positivo?

Kardec vivia uma época de grande apogeu científico e o sistema positivista era o que representava esse apogeu. É preciso lembrar, também, que o espiritismo não pode ser encarado como algo que Kardec trouxe pronto e acabado já no seu primeiro livro, mas um processo de construção de conhecimento contínuo. Então mesmo na busca de reconhecimento por parte dos chamados *homens de ciências*, essas ideias foram rejeitadas por muitos e então Kardec viu que precisaria ir além do paradigma do pensamento científico da época, quando deixou explícito que *"As ciências vulgares se apoiam nas propriedades da matéria...; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências que tem vontade própria..."*, então ele conclui nessa parte do livro que *"...o espiritismo não é da alçada da Ciência"¹²*. No entanto, mais à frente, na mesma obra, ele diz que *"A ciência espírita compreende duas partes: uma ex-*

perimental, sobre as manifestações em geral, outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes"¹³. Apesar da negativa "oficial", por meio das sociedades científicas, Kardec não deixa de expressar que o espiritismo é uma ciência filosófica e positiva. Essa aparente dicotomia em inserir como sendo parte de duas ciências, nada mais é que a tentativa de ao mesmo tempo enquadrar o espiritismo dentro de algum sistema conhecido, e querer ampliar esse sistema, pois se trata de todo um novo campo de estudo, uma realidade que se conhecia no campo das ideias e tido como sobrenatural, mas que com Kardec se torna observável, portanto, "*Sobrenatural é tudo o que está fora das leis da natureza. O positivismo nada admite que escape à ação dessas leis; mas, porventura, ele as conhece a todas?*"¹⁴ Desta forma, uma das grandes descobertas dele é que o sobrenatural não existe e "*o espírito é apenas uma alma que sobreviveu ao corpo...*". A partir desta perspectiva é que Kardec queria oferecer aos homens de ciência de seu tempo uma perspectiva mais ampla para a ciência, a saber a existência de seres inteligentes, ou nas palavras dele "*difere de tudo o que conhecemos por matéria*"¹⁵:

"Sua existência é tão natural depois como durante a encarnação. É submissa às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo é submisso àquelas do princípio material."¹⁶.

2.3 O método

É preciso entender que não se pode cair na armadilha fácil, pueril e, muitas vezes, arrogante, de que o espiritismo tem respostas para tudo. Não tem. O que quero dizer é que o espiritismo traz nova luz para o conhecimento geral da vida, como também pode auxiliar algumas ciências, como a medicina, a psicologia, a sociologia, a física, a química, enfim, a perspectiva de vida além da morte, de que há espíritos e que eles são preexistentes e sobreviventes ao corpo de carne e que há uma relação entre os mundos materiais e espirituais, abre um leque de perguntas e perspectivas que estamos ainda muito distantes de conhecer. E isto é o que nos move. O espiritismo não precisa dar respostas para tudo, mas pode dar algumas e auxiliar outros campos do saber a dar suas respostas. Esse é o brilho do espiritismo, essa é a perspectiva progressista que Kardec tanto alardeou e que tanto fez questão de que pensássemos assim. Se é progressista, é porque precisa melhorar, precisa aprender e conquistar mais. O progresso é incessante, a vida é um contínuo que ainda estamos longe de conhecer todos os meandros, mas estamos dispostos a dar pequenos passos nessa descoberta diária.

Diante disto, ainda falta tocar na metodologia utilizada por Kardec para poder pesquisar, com-

preender, escrever e construir uma escola de pensamento baseada nas relações entre os vivos e os mortos. O primeiro passo é entender que toda ciência precisa de um objeto de estudo. Kardec deu os primeiros passos nesse sentido:

"O espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações"¹⁷

"O espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal."¹⁸

A partir do estabelecimento de que a natureza, origem, destino dos espíritos, e as relações com o mundo corporal são o objeto de estudo, Kardec em diversas oportunidades deixou claro que utilizou o método experimental nas pesquisas. Muitos o criticam dizendo que ele não aplicou esse método, mas tão somente fez uma coleta de dados (recebeu as mensagens dos espíritos e as organizou), mas como era o método experimental na época dele?

Para entender melhor, é preciso falar em percurso metodológico, uma vez que se falarmos em método experimental, tal qual se entende hoje, com controle

rígido de variáveis e utilização de dados estatísticos e probabilísticos significantes, não consideraríamos nem os famosos cientistas da mesma época.

Em seus estudos com as mesas girantes, Kardec iniciou a observação e coleta de dados vindas de supostas mensagens dos espíritos. Quando ele verificou que não havia fraudes nos movimentos das mesas e que havia algo que não se explicaria pelos fenômenos da eletricidade ou outro conhecido, ele deu mais um passo no percurso. Após esses primeiros passos de verificação de fraude dos movimentos, seguiu adiante e elaborou perguntas diferentes (variável controle) das que eram habitualmente feitas e esperadas por todos. Observou e extraiu respostas que faziam sentido às perguntas. As perguntas eram cada vez mais complexas e as respostas também. Nessa dialética entre pesquisador e objeto de pesquisa, o desenvolvimento de instrumentos de coleta de dados foi-se desenvolvendo até chegar na figura do médium, na habilidade humana chamada mediunidade. A partir do estabelecimento do instrumento de pesquisa (médium), era preciso estudar formas de controle contra as falhas e fraudes por parte dos instrumentos.

Dentro deste desenvolvimento ele fez perguntas complexas para os espíritos que utilizavam médiuns que não teriam a capacidade de dar respostas com-

plexas, mas as respostas vieram. Após verificar que essas respostas não poderiam ser dadas pelo médium, mas por uma outra entidade (espírito desencarnado), ele atestava o instrumento como sendo capaz de realizar a coleta de dados de forma satisfatória. No final da coleta dos dados, todas as mensagens passavam pelo critério de validação adotado por ele: a razão. É um critério por demais subjetivo, mas fazia parte do controle de dados que ele dispunha. Com o passar dos anos e com a grande propagação das ideias espíritas, vários médiuns e sociedades espíritas foram se estabelecendo no mundo, e muitos deles contribuíram como instrumentos de coleta de dados vindos dos espíritos, então Kardec construiu outro critério de validação dos dados: o Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE).

Com esse método de validação das mensagens, CUEE e razão, ele deixa claro que seu papel não era somente de organizar as mensagens nos livros e na Revista Espírita, mas o de determinar quais mensagens eram concordantes e quais eram destoantes, de acordo com o seu critério, a qual ele chamou de crivo da razão.

Continuando o seu percurso metodológico, ele construiu e deu instruções para as reuniões mediúnicas e sua sistematização para que fossem

consideradas sérias. Tudo isso se constituiu em um controle de variáveis, muito rudimentar, mas é o que era possível à época, e para o objeto de estudo com o qual Kardec se dedicara.

VOCÊ SABIA?

A Psicologia na época de Kardec ainda não era considerada ciência e somente com os estudos de Fechner, Weber e, principalmente, William Wundt, considerado o pai da psicologia enquanto ciência é que a mesma ganhou *status* de ciência. O marco da psicologia como ciência é 1879, em que foi estabelecido o primeiro laboratório de psicologia experimental na Universidade de Leipzig. Wundt utilizava o método da introspecção, que consistia em uma autoanálise da mente para fazer uma inspeção e relato de pensamentos e sentimentos. Ele percebeu que seu método era válido para experiências sensoriais, perceptivas e de atenção básicas, que eram controladas por aparelhos sofisticados (à época) que apresentavam estímulos aos observadores e esses respondiam a esses estímulos, geralmente limitando-se a tamanho, intensidade e duração dos estímulos físicos. Para os processos mentais superiores, como a linguagem, a aprendizagem, o raciocínio, a memória, Wundt acreditava que o método experimental não daria conta, uma vez que a história e a cultura são fundamentais para entender esses processos mentais.



Wilhelm Wundt sentado e outros pesquisadores no que é considerado o primeiro laboratório de psicologia. Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Wundt-research-group.jpg>

Kardec, sem toda uma estrutura de universidade e de financiamento de pesquisas, conseguiu desenvolver um campo de estudos imenso, deixou um legado de estudo e pesquisa que conta com revista de divulgação (*Revista Espírita*), manuais de procedimentos metodológicos (*O livro dos médiuns*), fundamentos científico-filosóficos (*O livro dos espíritos*) e fundamentos teóricos gerais (primeiro capítulo de *A gênese*), além de uma tentativa de um tratado ético-moral tanto a partir dos fundamentos (tomo 3 de *O livro dos espíritos*), como das práticas humanas e sociais (*O evangelho segundo o espiritismo* e *O céu e o inferno*).

Kardec cumpriu seu papel com louvor. Há o que melhorar? Sempre, pois se o espiritismo é uma doutrina em progresso, então há sempre o que pode ser melhorado. Precisa-se entender que ele fez o que

foi possível fazer em tão pouco tempo, com recursos escassos e numa época que não tinha os instrumentos e a tecnologia que dispomos hoje em dia.

Os possíveis problemas metodológicos aplicados por Kardec não são erros, são escolhas diante dos meios disponíveis à época. O que os espíritas fizeram depois dele é que precisamos refletir. Como a ciência foi deixada de lado pelos espíritas que vieram depois de Kardec! Mesmo atualmente, os espíritas não mais praticam a ciência, apenas extraem de Kardec algum ensinamento.

Imagine se a Física tivesse ficado somente com Newton, e todos os demais o adorando e o festejando, não teríamos nem o trem a vapor. Imagine se a biologia continuasse contemplando Darwin e Wallace e suas maravilhosas descobertas, provavelmente não teríamos o desenvolvimento da genética, tal como é hoje, ou nem mesmo teríamos descoberto a molécula do DNA. Ciência é continuidade, é ir e vir de teorias, experimentos e trocas de conhecimentos.

Hoje o espiritismo se transformou em objeto de estudos, e não o “dono” do objeto espírito. Deixou de ser protagonista na pesquisa com os chamados fenômenos espirituais, para ser objeto de pesquisa, em que a antropologia, a sociologia, a psicologia e psiquiatria estudam (o espiritismo) como um fenômeno

sociocultural-religioso. Quem quer saber sobre as pesquisas com espíritos, médiuns, reencarnação e outros fenômenos em que Kardec trouxe luz, dirija-se à universidade, não ao espiritismo. De pesquisadores viramos pesquisados, e de autores, viramos sujeitos de pesquisa. É preciso fazer o resgate de Kardec e seu espírito de pesquisador, de homem que busca a verdade, que iniciou um processo de descoberta da realidade espiritual como parte da natureza, como parte do todo universal. Kardec entendeu a grandeza do espiritismo e utilizou tudo o que estava ao seu alcance para desenvolver a ideia espírita. Construiu uma obra monumental, mas é preciso ir além. Ciência é um movimento contínuo e as pessoas que se adentram num determinado campo científico sabem que estão dando seu quinhão para o desenvolvimento dela. Com o espiritismo precisa ser da mesma forma. O entendimento da natureza, por meio da perspectiva espiritual precisa continuar sua construção de conhecimento com pesquisas, debates e construção coletiva. Kardec não disse tudo. Não existe o “disse tudo”. Existe uma busca constante de entender a natureza e todos os seus fenômenos, por meio da ciência, da filosofia, da religião, das representações sociais, da imaginação artística, enfim, e o espiritismo é uma forma de entender uma parte desses fenômenos e poderia estar como um campo científico, mas não está.

2.4 Filosofia

A filosofia espírita, construída pelo diálogo de Kardec com os espíritos, tem seus pés firmados numa proposta de mudança de comportamento por meio da educação. A história de Rivail é toda voltada para a educação. A história de Allan Kardec é um contínuo da de Rivail, com o acréscimo da realidade espírita.

Rivail já vislumbrava que o pleno desenvolvimento da sociedade se operava, principalmente, pelo progresso da educação, que deveria ser laica, universal, acessível e que desse ênfase no desenvolvimento moral da criança, para formar futuros cidadãos capazes de construir vidas melhores para todos. Ele já alertara que o sistema de educação punitivo era um entrave ao desenvolvimento moral e era fonte de vícios. Da mesma forma que a educação não poderia ser somente intelectual, mas que deveria favorecer e desenvolver as faculdades morais e físicas também.

Kardec, na verdade, construiu uma doutrina em que todos os seus pontos, seus conceitos e suas verdades são para a plena educação do ser enquanto espírito e matéria. O espiritismo proposto por ele é um impulso à educação e, igualmente, sua filosofia é fruto dessa perspectiva educativa dos fenômenos espirituais.

Um ponto importante a ser escrito seria sobre o humanismo em Kardec. Ele deixou claro em suas obras que é preciso superar todo o misticismo e obscurantismo que envolve a questão do espírito. O humanismo no espiritismo é que a vida é um *continuum* incessante rumo à perfeição possível, e que nós somos autônomos o suficiente para não colocar nas mãos invisíveis da divindade qualquer amarra de um predestino para a nossa vida. Ele sempre deixou claro que o espírito é parte constituinte da natureza e que devemos compreender a realidade espiritual como parte constituinte da vida natural, tirando todo o obscurantismo e toda área de sobrenatural da realidade espiritual.

Ao se estabelecer com os filósofos modernos (Descartes, Hume, Rousseau), Kardec se inscreve na escola humanista de pensadores. Essa é uma perspectiva não somente de conceitos filosóficos acerca do ser humano, mas um movimento filosófico-cultural em torno de liberdade, autonomia e prevalência do ser humano como sendo a parte mais importante da criação. Destinar todos os desígnios como consequência da razão, e não de determinismos ocultos, reconhecemo-nos como os seres capazes de criar, e conduzir os destinos de todo o nosso ambiente de vivência.

Um outro ponto de interesse, dentro do sistema filosófico espírita, é a questão da Teoria do Conhecimento. À época de Kardec havia três grandes campos teóricos acerca do conhecimento: o racionalismo, o empirismo e a teoria crítica.

O racionalismo parte da perspectiva de que o conhecimento tem sua fonte na razão, no pensamento, e que todo conhecimento só pode ser validado se for universal e se for realmente necessário. A razão é que julga se o conhecimento é realmente necessário e que pela razão julgamos todos os caminhos, todas as possibilidades e, ao chegarmos a uma conclusão de que é assim e não pode ser de outra forma, o conhecimento é considerado verdadeiro. O pensamento é a verdadeira fonte do conhecimento.

O empirismo, por outro lado, diz que a experiência é a única fonte de conhecimento, uma vez que no nascimento a alma está vazia (tábula rasa), e necessita da experiência no mundo para conhecer. Essa perspectiva está diretamente conectada aos fatos da experiência humana, em contraponto de uma verdade universal no sentido racionalista.

Um terceiro campo teórico vem da teoria crítica de Kant. Ele propõe que o conhecimento vem da experiência, mas que é necessário um *arcabouço*,

uma *estrutura* para que o conhecimento tenha sentido. Uma outra forma de conhecimento, segundo ele, é o *transcendental*, que consiste num “modo de conhecimento de objetos na medida em que este deve ser possível *a priori*”. Resumidamente:

“A razão tem que ir à natureza tendo numa das mãos os princípios unicamente segundo os quais fenômenos concordantes entre si podem valer como leis, e na outra o experimento que ela imaginou segundo aqueles princípios, na verdade para ser instruída pela natureza, não, porém na qualidade de aluno que se deixa ditar tudo o que o professor quer, mas na de juiz nomeado que obriga as testemunhas a responder às perguntas que lhes propõe.”¹⁹

Desta forma, Kant entendia que apesar de o conhecimento vir da experiência, há também conhecimentos da razão pura, independentes da experiência, *a priori*, como a matemática, Deus, a liberdade e a imortalidade¹⁹.

Kardec tentou fazer uma síntese dessas teses aqui elencadas. Primeiramente parte da perspectiva racionalista, já que Kardec frequentemente coloca o primado da razão sobre os dilemas da vida. Ou da perspectiva empirista, em que o conhecimento se opera a partir da experiência? Ou mais ainda, propõe, como Kant, uma concepção que tenta resolver a dicotomia entre razão e experiência?

Num primeiro momento podemos pensar: o espírito reencarna sucessivas vezes, então, eu tenho nesta vida um conhecimento que não veio das experiências vividas agora e que “vieram comigo”. Isso é verdade, mas não quer dizer a história toda...

Partindo do pressuposto de que somos Espíritos, e por sua definição, somos “os seres inteligentes da Criação”²⁰, então a sede do conhecimento, da memória, de todo o aprendizado está no espírito. Isso, provavelmente é ponto pacífico dentro da comunidade espírita.

No entanto, apesar de num primeiro momento recorrermos a conhecimentos *a priori* por conta da reencarnação, a resposta à questão 115 de LE é bem elucidativa e traz o encaminhamento para entendermos a perspectiva espírita do conhecimento: “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber”²¹. Então, no momento da criação dos Espíritos (seres inteligentes), não há nenhum conhecimento e os espíritos precisam passar por experiências para os adquirir. Podemos então dizer que os espíritos foram criados como tábula rasa? Sim. Podemos dizer então que o espiritismo se junta a Locke e aos outros empiristas e que a experiência é a fonte do conhecimento? Sim... e não. Por mais que sejamos criados simples e ignorantes, estamos

num estado de encarnados, em que implica diversos fatores acerca do conhecimento. Ainda que o espírito seja a sede da memória e do conhecimento, estamos envoltos num corpo material e que exerce a principal função em termos cognitivos, mesmo que a nossa natureza seja espiritual.

Pode parecer meio contraditório, um pouco confuso de entendimento e de escrita, mas ainda estamos longe do pleno entendimento do nosso corpo, que dirá da nossa natureza espiritual.

Isso não quer dizer que não podemos fazer reflexões e levantar algumas hipóteses. Pelo contrário, a partir disto começamos a desvelar alguns mistérios nossos e o espiritismo é o maior *desvelador* do mundo espiritual.

Voltando à teoria do conhecimento, entendemos que a nossa natureza espiritual e origem como simples e ignorantes, traz a importância para a experiência. No entanto, enquanto espírito encarnado, estamos numa condição em que o corpo é o principal aparelho de ação no mundo e é com ele também que devemos construir uma ideia de conhecimento. A neurociência está bem avançada, principalmente se voltarmos à época de Kardec, e tem-se evidências suficientes para declararmos que nosso aparelho cognitivo é suficientemente complexo

para fecharmos a questão de que o que importa é o espírito somente. Além do cérebro podemos também ir em um caminho da cultura, da construção social do conhecimento, em que o mesmo constrói a partir das relações intersubjetivas, pois não estamos sozinhos no mundo e o mundo é não somente uma fonte de conhecimentos, mas também de influência em tudo o que somos. Essa perspectiva nos aproxima um pouco de Hegel.

A dialética do conhecimento é um conjunto complexo de fatores espirituais, corporais, cognitivos, sociais e culturais. Portanto, mais do que fechar a questão sobre a teoria do conhecimento proposta por Kardec, a intenção é abrir o debate para a importância da matéria, bem como abrir o leque para a perspectiva espírita em torno da questão.

Como sempre descrito a respeito de Kardec, a sua perspectiva de vida era de educar, e como professor que era, procurou ser ao máximo didático e simples. Isso não quer dizer simplório, pelo contrário, o trabalho de simplificar questões difíceis em que muitas vezes é necessária uma linguagem rebuscada e dura, ele soube como poucos trazer para uma linguagem de fácil acesso.

Por isso, um dos pontos filosóficos mais evidentes do espiritismo é seu caráter educativo. Como dou-

trina progressista, não vê outro caminho que não seja pela educação, e isto implica em uma filosofia voltada para o pleno desenvolvimento do ser humano: construir conhecimentos para desenvolver a sociedade e construir laços de fraternidade para melhorar as condições de vida em que se reconhecerão “pela sua transformação moral e pelos esforços que empregam para domar suas más inclinações”²².

A filosofia da educação proposta por Kardec adentra no que toca à liberdade. O ser é dotado de livre-arbítrio e o uso dessa liberdade é que se traduz na estrada percorrida ao longo das sucessivas vidas, como num processo de aprendizagem, em que as experiências da vida vão se transformando, adquirindo conhecimento e aprimorando as virtudes. Então, quanto mais educado, sábio, fraterno e amoroso, a liberdade é mais ampla.

Tudo isto foi exposto para exemplificar que Kardec deixou um sistema filosófico bem detalhado, com uma estrutura definida e que prioriza o conhecimento, a liberdade, a autonomia e a fraternidade. Ele inúmeras vezes disse que o espiritismo está livre do espírito de sistema, o que quer dizer que ele não está preso a uma determinada escola de pensamento, mas que bebe na fonte de todas elas e que amplia ainda mais o horizonte da realidade da natureza.

Portanto, pensar Kardec filósofo e numa estrutura da filosofia espírita é pensar em como o espiritismo tenta resolver as grandes questões da natureza. E aqui vale uma observação importante: o verbo correto é tentar. Kardec não resolveu todas as questões da vida, e nisto está a sua grandeza. É preciso retirar o caráter mítico dele e do espiritismo. A verdade é uma busca constante. Nenhum sistema filosófico, científico, religioso ou místico, resolveu todas as questões da natureza. É preciso estabelecer que nisso se aporta o caráter progressista que Kardec tanto imprimiu: o espiritismo é uma busca constante da verdade e sua perspectiva é de uma universalidade e naturalidade dos fenômenos espíritas, culminando com uma transformação do ser em constante progresso.

Portanto, é preciso repetir que precisamos enxergar o legado que Kardec deixou (espiritismo) como um processo em constante transformação, não como um produto acabado e que só temos que ler, aceitar e seguir a vida. Entender como processo requer de nós responsabilidade e compromisso conosco e com o mundo, pois a busca de Kardec não terminou e nós podemos ser os continuadores da sua obra. Estas colocações devem ser entendidas que somos autores de nossos destinos e que nossa liberdade é a mais preciosa joia da criação, pois deposita em nós

o gérmen autoral que habita em nós, que é parte constituinte de nossa estrutura espiritual.

2.5 Moral

Na continuidade do entendimento de Kardec, não pode faltar o que ele entendia por moral e como ele dialogou com os espíritos acerca da moral. Que moral é essa? Que significados e ressignificados foram deixados por Kardec? Na atualidade, a moral espírita é conveniente, ou precisamos de novas interpretações? Como os movimentos espíritas interpretam essa moral?

Esse é o ponto mais nevrálgico que separa as diversas perspectivas dentro do movimento espírita; esse tópico é o que encontra mais dissensões, pois

VOCÊ SABIA?

Para saber mais sobre a moral espírita, você pode baixar o livro *Espiritismo, ética e moral*, da mesma coleção que este livro faz parte. Aqui vamos fazer uma abordagem breve sobre a influência da moral em Kardec, na construção da moral espírita.

Jacira Jacinto Silva, Milton Rubens Medran Moreira. *Espiritismo, ética e moral*. CPDoc, 2021; CEPA, 2021. Coleção livre-pensar: espiritismo para o século XXI; série 1: n.7 / organizado por: Ademir Arthur Chioro dos Reis, Mauro de Mesquita Spínola, Ricardo de Moraes Nunes.

cada um tem sua própria interpretação moral do espiritismo. Ainda que em muitos pontos estejam juntos, são os pontos divergentes que sempre ressaltam e trazem à tona as diversas lutas e disputas sobre a autoridade da interpretação espírita. Por isso é imprescindível entender o que vem sendo enfatizado nessa obra, de que a moral espírita também é um processo em construção, e que Kardec foi o seu iniciador e continua sendo a figura mais importante dentro do contexto de entendimento do que vem a ser a moral espírita.

Um ponto inicial para aventurarmos nessa seara, é que, como o próprio nome da Coleção enseja, parte-se de uma perspectiva laica, livre pensadora, humanista e progressista do espiritismo, então se faz necessária uma completa desmitificação e dessacralização de tudo o que ronda o legado de Kardec. A partir desse legado, partimos do pressuposto de que o fenômeno espírita está dentro das leis da natureza; que os espíritos nada mais são que as almas das pessoas que aqui viveram; que o espírito está sob a lei do progresso; que todos alcançarão a perfeição que lhes cabe; que não há privilegiados na criação divina; que o livre-arbítrio é condição irremediável do espírito; que buscamos dialogar com todos os pensamentos construídos ao longo

do tempo, portanto tudo o que coloque qualquer espírito, encarnado ou desencarnado, sob o manto do mito ou de que “subiu a escada da evolução de forma direta e sem percalços”, está em desacordo com a proposta espírita descrita nesta obra.

“O espiritismo repudia, nos limites do que lhe pertence, todo efeito maravilhoso, isto é, fora das leis da natureza; ele não faz milagres nem prodígios, antes explica, em virtude de uma dessas leis, certos efeitos, demonstrando, assim, a sua possibilidade. Ele amplia, igualmente, o domínio da Ciência, e é nisto que ele próprio se torna uma ciência; como, porém, a descoberta dessa nova lei traz consequências morais, o código das consequências faz dele, ao mesmo tempo, uma doutrina filosófica²³”.

Segundo o Dicionário de Filosofia de Cambridge, moral é “um sistema público informal aplicável a todas as pessoas racionais, que rege o comportamento que afeta os outros, e tem como objetivo a diminuição do mal ou dano, e inclui o que comumente se conhece como regras morais, ideias morais e virtudes morais²⁴”. A partir dessa perspectiva, a moral é informal porque não está sob a autoridade de qualquer pessoa ou sistema que faça dirimir todas as questões polêmicas ou controversas. A moral

é uma construção social, pois alguns dilemas são facilmente resolvidos em alguns lugares e podem ser sem solução em outros, da mesma maneira que sofre modificações com o tempo.

629. *Que definição se pode dar da moral?*

"A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus."²⁵

Em o LE, Kardec ressalta a questão do bem proceder, como também estar em acordo com as leis de Deus. Acrescentando uma perspectiva teológica, pois diz que ela se funda nessa observância, mas também ressalta que fazer o bem já é cumprir com essa lei. Além disto, em diversos escritos ao longo de sua obra, a moral para Kardec difere um pouco da definição do dicionário, incluindo que a moral é um alicerce para a felicidade futura, pois a perspectiva espírita de vida espiritual anterior e posterior à vida terrena, amplia as consequências morais que decorrem das nossas ações no aqui e agora. Longe de pregar a condenação ou júbilo eterno, o caráter progressista do espiritismo e, conseqüentemente, do desenvolvimento moral do ser, busca compreender que estamos em constante construção das nossas

relações sociais e afetivas, pois a busca pela perfeição deve ser uma constante e a compreensão de nossas falhas deve ser a mola propulsora das relações, perfazendo assim um ambiente de empatia e entendimento de que nossas ações são frutos de uma história de várias vidas, em vários lugares e com diversas relações intersubjetivas.

Na dialética kardequiana, o fundamento da moral espírita está descrito ao longo dos capítulos do livro terceiro de *O livro dos espíritos*, que não por coincidência se chama Leis Morais. Trata-se de um tomo composto por 12 capítulos e que versa sobre diversos aspectos que fundamentam a moral espírita. Não está no quarto livro Esperanças e Consolações, pois esse trata das consequências acerca da moral. Já é a obra da ética prática, da moral do dia a dia, dos conselhos e indicações de comportamento. Para uma parcela majoritária do movimento espírita o ESE é o fundamento, mas Kardec deixou claro que não é e nem deveria ser, a partir da perspectiva aqui adotada. Percebemos aqui também o quanto ele foi didático, dividindo e destrinchando o conhecimento em partes que dá para categorizar em fundamentos, princípios e consequências.

É inegável que Kardec disse que a moral espírita é a moral cristã, pois a considera a mais elevada.

É inegável também que o espiritismo concebido por ele não é uma religião (vide a proposta desta coleção). No entanto, Kardec concebeu uma não-religião cristã, e isto parece muito confuso para nós, fincados no século XXI e tendo raízes no século XX. Mas no século XIX um sistema filosófico, ou uma escola de pensamento que não seja religião e tenha como base moral a cristã, não é nada estranho.

Assim como todo e qualquer grande filósofo, cientista ou pensador, Kardec também buscou por referências em suas obras. Ele explicita que o espiritismo é uma ciência positiva, evoca Sócrates e Platão como precursores do espiritismo e, tenta destrinchar a moral de Jesus sob a ótica espírita. São todas referências, como um guia inicial de uma forma de desenvolver as ideias espíritas. Em momento algum, qualquer nome é evocado como ser especial, criado especialmente com privilégios divinos. Nenhum aspecto místico, sobrenatural e sacralizado repousa sobre qualquer figura histórica dentro do arcabouço espírita.

Os fundamentos da moral espírita organizados por Kardec em interlocução e interação com os espíritos estão aqui elencados, baseados no tomo Leis Morais, de o LE: progresso, liberdade, igualdade, sociedade, justiça, amor e caridade. Antes de qual-

quer coisa, é preciso entender a moral espírita a partir do todo, ou seja, a partir das conclusões que tiramos dos fundamentos do espiritismo em si, como Deus, existência dos espíritos, pluralidade das existências, causa e efeito, comunicabilidade e influência dos espíritos, evolução (progresso), enfim, é preciso que a moral esteja em acordo com as suas bases teóricas. Isso se faz necessário para não ficar preso à letra, mas para refletir sobre a complexidade do pensamento deixado por Kardec, sobre o que está além do texto escrito, na intencionalidade das suas ideias.

Fundamento é aquilo que é a razão de ser. É a justificativa racional da causa, no caso aqui da moral. Sem os seus fundamentos a moral espírita não tem razão de ser. Por isso que o desenvolvimento da moral precisa estar baseado em seus fundamentos e suas causas primeiras, por assim dizer.

Um primeiro entendimento da moral espírita é a lei de progresso. Sem essa lei, haveria espíritos que foram criados mais privilegiados que outros e que seriam especiais. No entanto, Kardec logo observa que, a partir da resposta de que o espírito é criado simples e ignorante e que não é instituído com qualquer direcionamento, mas aberto à aprendizagem constante e incessante dos processos da vida, os espíritos nada mais são que a alma das

peças que viveram. Esse ponto revela que perante a divindade somos todos iguais e que nós construímos intersubjetivamente nosso caminho rumo a perfeição possível. Os caminhos que outrora tomamos e que porventura tomaremos são um conjunto de fatores que estão imbricados com nossa liberdade de pensar e agir, bem como pela submissão ao ambiente inserido e à lei do progresso.

Nessa mesma proposta, a liberdade é condição indispensável para o nosso progresso. Como o progresso é um processo intersubjetivo, está intrinsecamente conectado às relações sociais ao longo da vida, e a liberdade é um processo de escolhas, como também é um processo compartilhado entre todos. Kardec compreendeu isso ao perguntar se há liberdade absoluta, ao que os espíritos responderam somente o do eremita no deserto, mas nem assim o será sempre. A compreensão disso passa pelo entendimento de vários postulados espíritas, como progresso, liberdade, sobrevivência da alma e reencarnação.

Kardec constrói a moral espírita numa perspectiva de autonomia do ser, uma vez que estamos a todo instante num processo de emancipação de nossos limites, relacionando-nos com o mundo, melhorando-o. É nessa emancipação que se constrói

a autonomia, nesse ato contínuo de modificar o mundo e agir com liberdade perante nossas condições limitadoras, sem esperar que venha um ser ungido nos dizer a fórmula da salvação. A emancipação é o processo de construir a autonomia, pois a liberdade também é um desenvolvimento que segue o curso do progresso do espírito. A cada passo dado, a cada conquista, o espírito respira um ar mais puro de liberdade.

A justiça, como fundamento da moral espírita é um alento dentro do universo espírita. O direito de viver, o direito de ter as mesmas oportunidades, trabalho e de construir uma vida confortável é estritamente correspondente à responsabilidade de acolher aos que precisam, pois há famintos e pessoas sem as mínimas condições de viver dignamente por conta do egoísmo humano. Ao mesmo tempo, não há justiça sem amor. Ser justo é ir além do julgamento valorativo do bem e do mal, é ter em conta que não há justiça sem que haja uma perspectiva de elevar as condições humanas para a compreensão e para empatia. Não se trata de ser piegas e não querer aplicar as leis contra quem comete crimes, mas entender que, ainda que uma pessoa cometa um crime, merece um mínimo de dignidade, mesmo se privado de liberdade.

Kardec e os espíritos foram influenciados pela revolução francesa e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, carta esta que deu passo importante para o progresso social. Direito à vida e à propriedade são alguns itens dispostos que foram contemplados nas leis morais em o LE. Ao mesmo tempo, no referido tomo, Kardec e os espíritos anteciparam alguns pontos da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH), que só entraria em vigor 91 anos depois. Além dos já supracitados direitos à vida e a propriedade, a não aceitação da pena de morte, da tortura como solução prática e ética para correção de crimes também foram contemplados no LE. Além destes pontos toca também no direito à segurança social como forma de dignificação de sua humanidade; direito à instrução; direito a salário digno, descanso e lazer. Esses pontos que estão na DUDH, também são contemplados pelas leis morais contidas no terceiro tomo de o LE.

Portanto, é indispensável entender a moral construída por Kardec e os espíritos como um processo contínuo de desenvolvimento. Os fundamentos, já citados aqui, estão estabelecidos e são "*clausula pétrea*" da moral espírita, mas os princípios e as regras estão em pleno desenvolvimento nos dias de hoje, e assim estarão, pois fazem parte do processo

de construção e constituição do nosso proceder, do nosso agir no mundo.

Diante disto, é preciso discorrer também sobre alguns aspectos datados e que necessitam de um debate amplo, no sentido de dar continuidade ao trabalho progressista de Kardec e trazê-lo para o século XXI, mantendo os fundamentos e ressignificando algumas regras morais ainda enraizadas em tempos pregressos.

Nesta perspectiva de autonomia do ser, é preciso fazer uma reflexão sobre a influência dos espíritos sobre nossos atos. É muito comum inculcar culpabilidade ou responsabilidade pelos fracassos na influência dos “espíritos maus”, e que há uma constante guerra entre o mal e o bem sobre determinadas ações que julgamos como essenciais sobre a vida na terra. O fracasso decorreria de ações coordenadas de espíritos que não querem a evolução do planeta e influenciam de tal modo as pessoas que elas agem para causar discórdias, revoluções, guerras, conflitos, etc.

Esse problema se estabelece a partir da questão 459:

“Os Espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos?”

Muito mais do que imagineis, pois frequentemente são eles que vos dirigem"²⁶.

Precisamos refletir muito sobre essa questão posta por Kardec, pois ela é de fundamental importância para a moral espírita. O problema dela está na parte final da resposta: "frequentemente são eles que vos dirigem". Como pode uma moral ter seu fundamento na liberdade se uma força que nos é oculta frequentemente dirige-nos a qualquer direção? Mesmo que a liberdade seja um processo de desenvolvimento no progresso do espírito, essa resposta parece-nos muito mais parecida com uma antiga alegoria de que somos marionetes manipuladas pelas cordas por algum ser. Na resposta em francês está o verbo *dirigent*, que tem vários significados e dentre eles o de guiar, orientar, mas na tradução seca é dirigir. No entanto a tradução dirigir traz um problema para com o fundamento da moral espírita, que é baseada na liberdade. Isto pode ser visto como um problema de contextualização, em que a tradução é muitas vezes refém.

Um outro ponto a qual consideramos problemático é a obra ESE, mesmo que pese que Kardec, inteligentemente, descreva uma divisão do evangelho em cinco partes ("os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que

foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral”), e que ele tenha dito que a parte moral, que é a que importa e tenha ficado inatacável, há um grande problema na utilização da obra em relação aos fundamentos da moral espírita: Kardec não conseguiu transpor a barreira da culpa e do castigo que tanto são ressaltadas nas interpretações bíblicas.

Em diversos pontos Kardec consegue trazer boas interpretações à luz da sua pesquisa e estudos espíritas, mas sempre flerta com um espiritismo religioso, ufanista e soberbo, ao declarar que o espiritismo é a terceira revelação anunciada, por cair em diversos pontos nas questões de culpa e castigo, bem como considerar a moral do evangelho como irretocável, o que não condiz com a perspectiva de progresso que o próprio espiritismo tem como fundamento.

É verdade que quando Kardec escreve a palavra espiritismo, ele trata do fenômeno espírita, da ciência espírita, da descoberta das entidades individuais despojadas de corpo físico e que preexiste e sobrevive à morte do corpo. Em muitas passagens ele está falando dessa fenomenologia, desse campo de estudo, e não dessa instituição espírita a qual tantos professam. Mesmo assim, tratar o desenvol-

vimento dessa ciência como revelação, ainda que cumprindo os requisitos que ele lista em *A gênese*, desmistificando a questão da revelação, não podemos ignorar que:

"Assim como o Cristo disse: "Não vim destruir a Lei, mas cumpri-la", o espiritismo diz igualmente: "Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe cumprimento". Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todo mundo, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Portanto, o espiritismo é obra do Cristo, que Ele mesmo preside, assim como preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o Reino de Deus na Terra"²⁷.

O flerte de Kardec em transformar o espiritismo em religião cristã encontra aqui o seu ápice. No entanto, os fundamentos da moral espírita são desprovidos de qualquer ligação com o cristianismo, ou com qualquer denominação religiosa, pois a liberdade, o progresso, a igualdade, a justiça, o amor e a caridade são fundamentos universais, ou no que Kardec sempre gostou de utilizar, são naturais, estão na natureza e são condições *sine qua non* à moral. Apesar desse flerte com a religião, ele deixa muito

bem claro que o espiritismo não é uma religião em diversos pontos de sua obra, e o seu discurso na sessão anual comemorativa do dia dos mortos, em que ele indaga sobre se o espiritismo é uma religião, após uma reflexão sobre isso e os usos do termo religião, ele conclui que:

"Por que, então, temos declarado que o espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o espiritismo não tem. Se o espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou.²⁸"

A moral cristã é uma escolha de Kardec, nas interlocuções que o mesmo teve com os espíritos, bem como na decisão de escrever e circunscrever a Doutrina Espírita numa realidade cristã a qual o mesmo estava envolto. O ESE é um guia de comportamento baseado no evangelho, não é o fundamento da moral espírita, é no máximo o seu

princípio, o que é diferente de fundamento. *Amar ao próximo como a si mesmo* é um princípio. O amor é o fundamento. O amor é irrevogável, é razão suficiente, a justificativa por si de ser fundamentada. Amar ao próximo como a si mesmo é um princípio que norteia o cristão e tem como fundamento o amor.

Em que ponto queremos chegar? O fundamento da moral espírita trazido por Kardec e os espíritos é independente da moral cristã. Se no evangelho está escrito qualquer coisa que entre em contradição com os fundamentos liberdade, igualdade, progresso, amor, justiça, caridade, esse código moral precisa ser ignorado, ou revisto ou ressignificado. Não se trata de descartar ou dizer que a moral cristã não tem serventia, pelo contrário, ela faz parte de muitos de nossos julgamentos, de nossas contradições e é o principal guia orientador de nossa sociedade.

Kardec foi o "primeiro" a ressignificar o evangelho, pois diz que *"os ensinamentos do cristo hão de receber o seu complemento; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado"*²⁹. Ele propõe uma atualização do ensino do Cristo, mesmo a considerando como inatácável, pois *"são chegados os tempos em que as ideias morais hão de se desenvolver para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus"*³⁰.

Se queremos inserir o espiritismo no século XXI, precisamos ressignificar *O evangelho segundo o espiritismo*. Como dissemos, Kardec não conseguiu transpor a barreira moral da culpa e do castigo, e a obra é recheada de trechos que remetem a essa perspectiva.^{iv}

É preciso avançar com essa proposta. A ressignificação do ESE é essencial para que os princípios

iv. Para saber exemplos em que a moral da culpa e do castigo ainda faz parte do que Kardec concebeu como moral espírita, veja esses exemplos extraídos do *Evangelho segundo o espiritismo*:

“É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do Espírito” p. 92

“As tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que recebe nelas o merecido castigo, e provas com relação ao futuro, que elas preparam” p. 125

“Quando o orgulho chega ao extremo, tem-se um indício de queda próxima, porquanto Deus nunca deixa de castigar os soberbos” p. 177

“Todo homem, bastante orgulhoso para se julgar superior, em virtude e mérito, aos seus irmãos encarnados, é insensato e culpado: Deus o castigará no dia da sua justiça” p. 223

“Como o suicida, o duelista se achará marcado com sangue, quando comparecer perante Deus, e a um e outro o Soberano Juiz reserva rudes e longos castigos” p. 257

“Se não aproveitar, será então punido pela perda ou pela perversão da faculdade que lhe fora outorgada e da qual, nesse caso, se aproveitam os maus Espíritos para o obsidiarem e enganarem, sem prejuízo das aflições reais com que Deus castiga os servidores indignos e os corações que o orgulho e o egoísmo endureceram” p. 449-450.

morais estejam de acordo com os seus fundamentos. Essa ressignificação não implica em querer modificar o que está escrito, em apagar das obras de Kardec (o que é impossível), nem deixar as coisas como estão. Entendemos que a ressignificação é promover e fazer diversos estudos sobre os pontos levantados por Kardec no ESE e interpretá-los à luz dos fundamentos da moral espírita, já descritos aqui. Desta forma vamos atualizar e contextualizar o espiritismo, pois adianta muito pouco assegurarmos que um dos fundamentos da moral espírita é a liberdade e que Kardec propôs uma moral autônoma se não ressignificarmos o ESE.

3 KARDEC FOI SECRETÁRIO DOS ESPÍRITOS, CODIFICADOR OU FUNDADOR DO ESPIRITISMO?

Como ficou bem explícito no capítulo anterior e em toda a presente coleção, é preciso desmistificar e dessacralizar o espiritismo e Kardec, no sentido de tirar toda a vestimenta mítica que o envolve. Entender o caráter humano do espiritismo, é entender Kardec como o projetista e construtor inicial dessa obra. A história pedagógica e científica dele condiz com um ser humano que busca a verdade e utiliza os meios que lhe estão disponíveis para atingir seus objetivos.

Quando se tem uma perspectiva religiosa, dogmática e messiânica de qualquer fenômeno humano, cria-se uma divindade que se utiliza de

um ser humano para lhe transmitir uma mensagem sagrada e que deve servir para um povo ou para todo o planeta. O espiritismo está longe de ter esse caráter sacro, apesar das tentativas que a maior parte do movimento espírita o imprime, a partir de uma perspectiva mitológica da terceira revelação, a qual Kardec tentou colocar esse termo em tons de cientificidade e progresso humano, não de uma magia divina que soluciona os problemas humanos.

É verdade que Kardec disse que seu trabalho foi de organizador e que a essência da filosofia espírita é fruto exclusivo dos espíritos. No entanto, veremos que o papel dele foi muito mais que de um organizador, de um burocrata da espiritualidade, foi de um filósofo educador que conheceu uma realidade, dela extraiu um conhecimento e a partir daí construiu uma escola de pensamento que poucos filósofos tiveram a coragem de enfrentar. Sim, o verbo é esse. Kardec teve de enfrentar o ceticismo da maior parte dos intelectuais de sua época; teve de enfrentar a fúria de religiosos; enfrentou diversos percalços pessoais, profissionais e sociais para dar continuidade ao que ele entendia como uma revolução do pensamento, da moral e da ciência.

O espiritismo tem características ao mesmo tempo distintas e coincidentes de outras escolas

filosóficas. O principal ponto inovador e revolucionário do espiritismo é a questão do espírito. É verdade que muitos filósofos, crenças religiosas e correntes espiritualistas já conceberam a existência do espírito, mas nenhuma trouxe uma abordagem como a de Kardec, em que o espírito é trazido para o centro da ciência e da filosofia; nenhuma abordagem concebe o espírito como um fenômeno natural, tal qual é o ser humano. Essa é a revolução espírita. As decorrências dessa revolução, desse “achado” de Kardec são inúmeras, uma vez que traz à tona uma realidade natural ainda não explorada de forma sistemática, didática e científica.

A obra considerada como marco do início do espiritismo, *O livro dos espíritos*, é um conjunto de questões, respostas e comentários que permeiam diversas dúvidas acerca do passado, presente e futuro da humanidade, sua essência, função na criação divina e as relações humanas e sociais as quais estamos submetidos.

Kardec desenvolveu uma metodologia para adquirir o conhecimento da realidade espiritual, desta forma, ele foi muito além de secretariar os espíritos. Nada veio pronto e acabado, foi um processo de construção dialógico entre ele e os espíritos para desenvolverem as melhores ferramentas. Mesmo

se tratando de “aprender com os espíritos”, era preciso entender o processo mediúnico, reconhecer capacidades mediúnicas nas pessoas, investigar se há fraudes e, ainda, desenvolver ideias e perguntas para dialogar com essa fonte de conhecimento. Isto tudo o insere não como um profeta que recebe uma mensagem divina e precisa comunicar para sua comunidade, mas como um investigador da realidade natural que se depara com um fenômeno capaz de mudar os rumos do entendimento da vida.

“Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações”

“Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal. Reconhecida desde o princípio, esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles.”³¹

Um ponto muito importante é que Kardec evita todo o caráter profético do espiritismo. Em diversos

pontos, ele deixa claro que toda a obra é fruto de muito trabalho, observações, estudos e aprendizado com os espíritos. O espiritismo não surge de uma experiência mística, mas de estudos sobre diversas experiências espalhadas pelo globo e que foram examinadas e tratadas sob o crivo da razão.

Ele não encontrou uma fórmula de guiar a humanidade no caminho da salvação, nem tampouco escreveu livros de autoajuda para dar dicas de como ser feliz no mundo. Ele foi um observador da interação, das relações e comunicações, bem como que consequências práticas podemos tirar entre os vivos e os mortos.

Ao naturalizar os espíritos, deduzindo que não são seres especiais e que são as almas das pessoas que aqui viveram, com virtudes e defeitos, ou seja, em processo de evolução, ele deixa a sua primeira marca como autor do espiritismo.

Kardec é confrontado o tempo todo com questionadores, detratores e caluniadores, ele sempre responde com muito cuidado e zelo, buscando sempre a razão e os seus achados como meio de respostas à essas pessoas. Kardec nunca impôs uma verdade inexorável, no sentido de que ou a humanidade segue o espiritismo, ou estará num inferno sem volta. Isso não está nem em questão na

obra, muito menos nos diálogos que ele travou com a sociedade acerca do espiritismo.

Além disto, Kardec foi centralizador neste trabalho. Apesar de ele contar com muitos colaboradores e colaboradoras, sendo médiuns ou não, ele é quem dava a palavra final acerca do que seria publicado na revista espírita, do que seria uma reunião séria – do ponto de vista espírita – bem como era ele quem ditava os rumos do movimento espírita, tanto em seu entorno, como em lugares distantes. Apesar de toda centralização das ações, em nenhum momento ele se revestiu de um caráter especial ou de infalível, pelo contrário, tudo parece ter sido feito por zelo e respeito ao que se estava construindo.

As cartas de Kardec, que estão em processo de transcrição e tradução, por meio do **Projeto Allan Kardec** da Universidade Federal de Juiz de Fora, demonstram bem o alcance das ações dele. Ele era consultado por pessoas distantes, recebia visitas, fazia visitas previamente agendadas, bem como dava direcionamentos à distância para os trabalhos em grupos espíritas.

Essas cartas demonstram também o prestígio que ele tinha, junto aos que tinham o espiritismo em conta. Ele recebia pedidos de mediação para reuniões entre pessoas desconhecidas, recebia pedidos de

mediação para pessoas arranjam emprego, ou para melhoria da saúde. Mesmo diante de todo esse prestígio, não há indício de qualquer favorecimento pessoal ou que tenha extrapolado a centralização de suas ações para uma forma ditatorial ou mesmo messiânica. O que há são registros de um homem que trabalhou o máximo que pôde para realizar um trabalho de grande importância para a humanidade, e mesmo assim ainda tinha a humildade de ser o mais discreto possível.

Portanto, o fundador do espiritismo era um homem muito trabalhador e que buscou o tempo todo dar mais ênfase na mensagem que no mensageiro.

SAIBA MAIS

O Projeto Allan Kardec, da Universidade Federal de Juiz de Fora disponibiliza à sociedade centenas de manuscritos e documentos originais de Kardec. Em sua página na internet há documentos originais, as transcrições em francês e a tradução para o português destes documentos, que são compostos por cartas, rascunhos, comunicações, enfim diversos documentos históricos que podem ser acessados de forma gratuita.

4 O PAPEL E O CARÁTER DA SOCIEDADE PARIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS (SPEE)

A fundação da SPEE, Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, ocorreu em 1º de abril de 1858 por decisão de Allan Kardec e alguns amigos. Reuniam-se eles às terças-feiras à noite na residência de Kardec há já seis meses, quando se deram conta da precariedade do espaço para abrigar todos os interessados. Ao anunciar sua criação na Revista Espírita de



Allan Kardec à Société Paroise
de la Ville de Paris

Monsieur le Directeur

Je vous prie de vouloir bien
prendre en considération
la situation de la Société
de la Ville de Paris
et de vouloir bien
prendre en considération
la situation de la Société
de la Ville de Paris

Je vous prie de vouloir bien
prendre en considération
la situation de la Société
de la Ville de Paris

Je vous prie de vouloir bien
prendre en considération
la situation de la Société
de la Ville de Paris

Carta de Allan Kardec
com pedido de autori-
zação para fundação da
SPEE

maio de 1858, diz:

A Sociedade, cuja formação temos o prazer de anunciar, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenções e animadas do sincero desejo de serem esclarecidas, contou, desde o início, entre seus associados, com homens eminentes por seu saber e posição social. Ela é chamada – disso estamos convencidos – a prestar incontestáveis serviços à comprovação da verdade.

O codificador havia publicado, um ano antes, *O livro dos espíritos*, o qual seria sucedido, em 1861, pela publicação de *O livro dos médiuns*. *O livro dos espíritos* resultou dos esforços pessoais de Allan Kardec na reunião e análise das comunicações dos espíritos que obteve diretamente com médiuns ou recebeu de diversas fontes e localidades. As reedições dali para frente bem como a publicação da próxima obra, *O livro dos médiuns* e as demais teriam na SPEE uma espécie de laboratório onde as análises, reflexões, diálogos por médiuns com os espíritos e aprofundamento se dariam, com muitos benefícios para as obras.

De uns tempos a essa parte, em vista da importância que a SPEE adquiriu e de como ela contribuiu como modelo para a fundação de outras congêneres na França e além dela, passou-se a fazer uma comparação simbólico-afetiva entre a SPEE e

VOCÊ SABIA?

A 2ª edição de *O livro dos espíritos* teve praticamente duplicada a quantidade de questões. Partiu de pouco mais de 500 na 1ª edição para 1.019 questões na 2ª edição, quantidade essa que permaneceu nas edições posteriores.

as sociedades que vieram a ser conhecidas, especialmente no Brasil, como centros espíritas, daí surgindo a afirmação de que a SPEE foi “o primeiro centro espírita da história”. Tal afirmação, conquanto singela, não corresponde à realidade dos fatos, ou seja, há profundas diferenças entre a estrutura e os objetivos definidos para a SPPE e os que orientam os centros espíritas, como se verá mais à frente, especialmente depois que os centros assumiram o perfil religioso, quase padrão na atualidade.



Palais Royal, Paris: aqui funcionou inicialmente a SPEE.

Regulamento da SPEE

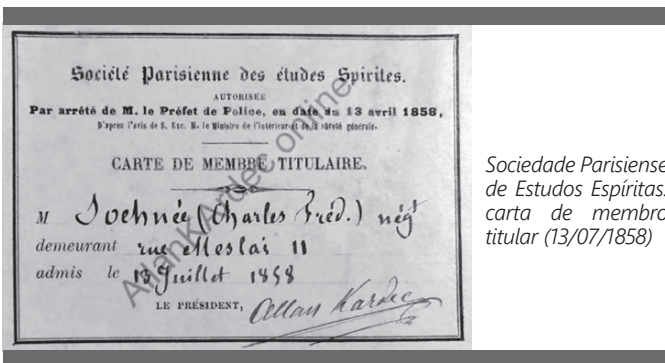
Ao comentar ligeiramente o regulamento da SPEE na Revista Espírita de maio de 1858, Kardec esclarece parte de seus objetivos:

"Seu regulamento orgânico lhe assegura uma homogeneidade sem a qual não há vitalidade possível; baseia-se na experiência dos homens e das coisas e no conhecimento das condições necessárias às observações que são o objeto de suas pesquisas. Vindo a Paris, os estrangeiros que se interessarem pela Doutrina Espírita encontrarão, assim, um centro ao qual poderão dirigir-se para obter informações, e onde poderão também comunicar suas próprias observações."

Registra o artigo primeiro do regulamento da SPEE, conforme *O livro dos médiuns*: "A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas". Explique-se: o predomínio das bases científicas, especialmente pelo método da observação e estudo racional dos fenômenos mediúnicos, não só ficou estabelecido como se manteve como objetivo da SPEE durante todo o tempo de sua existência sob Allan Kardec.

De par disso, algumas das características estruturais davam, como de fato deram, o sentido de

sociedade fechada à SPEE: ali não se admitia por sócios senão aqueles que fossem simpatizantes da doutrina, excluindo, portanto, os curiosos e os adversários do espiritismo.



Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas: carta de membro titular (13/07/1858)

Todos os candidatos a sócios deveriam ser aprovados pela diretoria após apresentados por dois sócios, sob severa observância de suas convicções e conhecimentos doutrinários. Começavam como associados livres, ou seja, sem direito a voto quanto aos assuntos da sociedade e, após um ano, seriam submetidos a nova deliberação, quando poderiam se tornar sócio titular.

Quanto às sessões da SPEE, eram sempre particulares ou gerais, isto é, não admitiam a presença senão dos seus associados. Não havia, portanto,

sessões públicas. Pessoas estranhas à sociedade poderiam participar das sessões gerais, quando aprovadas pelo presidente, na condição de ouvinte, sem direito a manifestar-se.

As comunicações mediúnicas, obtidas por médiuns de outras sociedades, para serem lidas e apreciadas na SPEE necessitavam de aprovação do presidente e aquelas que eram obtidas nas sessões da SPEE lhe pertenciam e não ao médium que as obteve. Este, se o desejasse, poderia fazer uma cópia da mensagem e guardá-la consigo, mas apenas a SPEE poderia fazer uso público dela.

Em termos gerais, estas eram as características da SPEE. Ela serviu de modelo para algumas das instituições que se criaram na França e outros países, especialmente aquelas que evoluíram da condição de grupos familiares para sociedades de estudos e pesquisas, muitas das quais se mantiveram na linha de atuação estabelecida pela SPEE.

A SPEE e os centros espíritas

Os centros espíritas como são conhecidos na atualidade, seguiram por caminho diferente da SPEE e tiveram seu desenvolvimento a partir da característica básica de entidade aberta que assumiram, ou

seja, de livre participação de seus frequentadores, inclusive sem a obrigatoriedade de se tornarem associados, embora essa condição seja desejável. Em lugar de se destinarem aos estudos e pesquisas a partir do fenômeno mediúnico sob bases científicas, os centros espíritas do nosso tempo atuam, poder-se-ia afirmar, na condição de prestadores de serviços à sociedade, sob a bandeira da gratuidade, ou seja, sem interesses pecuniários para si e seus dirigentes.

É possível observar uma linha de progressivo desenvolvimento dos centros espíritas, desde os seus primórdios, como uma trilha em que as atividades foram sendo incorporadas à medida que se mostravam efetivas: práticas como os passes, sessões de desobsessão, estudos regulares, apoios de ordem assistencial, palestras públicas e tantas outras ações acabaram por formar o tecido que hoje conforma o centro espírita e pelo qual se oferece à visibilidade à sociedade da qual faz parte.

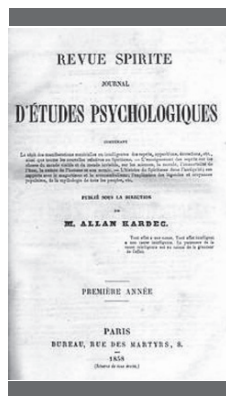
Não há, para a absoluta maioria dos centros espíritas, o objetivo de reproduzir o perfil da SPEE, nem de lhe seguir os objetivos prepostos. São, desde a origem, sociedades distintas, tendo em comum apenas o fato de seguirem a proposta de comunicação e prática segundo o que orienta a filosofia espírita contida no *Livro dos espíritos* e obras derivadas.

Assim, a SPEE foi a primeira instituição espírita em toda a história que se formalizou oficialmente, com propósitos definidos de pesquisar, estudar e desenvolver o conhecimento espírita, em acordo com o seu livro inicial. Em paralelo a isso, desenvolveu-se outro tipo de sociedade, que passou a ser conhecida como centro espírita, com objetivos próprios. A primeira era de caráter fechado, particular, a segunda de caráter aberto, público.

5 O PAPEL DA REVISTA ESPÍRITA

Em suas primeiras palavras para apresentar a Revista Espírita, Kardec evoca a necessidade de estudar e se aprofundar cada vez mais nos fenômenos espíritas. Da mesma forma que o magnetismo, fala ele, os fenômenos espíritas estão na natureza, portanto são passíveis de serem estudados, experimentados e, daí, tirar conclusões acerca desses estudos.

Como é sabido das pessoas de ciência, é necessário que todo campo de estudo tenha um periódico para publicar, debater, fincar demarcação e



demonstrar para a sociedade de que esse campo de estudo é importante. Kardec deixa explícito:

*"Não se pode contestar a utilidade de um órgão especial, que ponha o público a par do progresso desta nova Ciência e o previna contra os excessos da credulidade, bem como do cepticismo. É essa lacuna que nos propomos preencher com a publicação desta Revista, visando a oferecer um meio de comunicação a todos quantos se interessam por estas questões, ligando, através de um laço comum, os que compreendem a Doutrina Espírita sob o seu verdadeiro ponto de vista moral: a prática do bem e a caridade evangélica para com todos."*³²

É por essa motivação que Kardec publica, em janeiro de 1858, o primeiro volume de A Revista Espírita, em que se torna no principal meio de comunicação de Kardec com a sociedade, não somente com os grupos espíritas, mas com as pessoas de ciência, os(as) intelectuais e toda sorte de curiosos acerca dos fenômenos espíritas.

Outro ponto importante é que ela se transforma numa espécie de prévia do que seriam os livros lançados por Kardec. O livro *dos médiums*, por exemplo, tem trechos e capítulos que foram publicados antecipadamente na Revista Espírita e que foram revistos, alterados e atualizados para constar no livro.

Assim como vimos no capítulo da contextualização de Kardec, para se constituir uma ciência e ter credibilidade perante “os homens de ciência”, a Revista Espírita é, talvez, o veículo de comunicação mais importante para a construção dessa nova ciência que se construía. Não é menosprezar os livros, mas não se faz ciência sem um periódico de divulgação, comunicação e interação entre seus pares.

A Revista Espírita é *“uma tribuna livre, em que a discussão jamais se afastará das normas da mais estrita conveniência³²”*. Essa tribuna era um chamado à construção, à discussão em torno do fenômeno espírita; como desenvolver e solidificar as ideias espíritas, de forma que a proposta de naturalizar o fenômeno espírita seja mais rápido e com mais embasamento teórico e moral, o que sempre foi a consequência que Kardec buscou.

A Revista Espírita, como publicação de alcance rápido, trouxe diversos textos hipotéticos para reflexão e construção de ideias acerca de diversos pontos que, mais tarde, constavam em livros, de forma mais bem detalhada e explicada.

“Todos compreenderam que é toda uma ciência que se funda, toda uma filosofia, uma nova ordem de ideias³³.”

É na Revista Espírita que primeiramente Kardec fala das *fases do espiritismo*. Na conclusão de 1858 já há uma menção a duas fases: *curiosidade* e a *filosófica*. Depois, em diversos números, ele destrincha mais essa ideia e a desenvolve um pouco melhor em 1863. Digo um pouco melhor porque ele não desenvolveu de forma plena cada uma das fases em que o espiritismo passou e passaria.

Como outro exemplo, Kardec antecipa o capítulo *caráter da revelação* espírita em setembro de 1867, alguns meses antes da publicação em *A Gênese*. Da mesma forma, durante o ano de 1868, continua a escrever sobre a obra, lançada em janeiro deste ano, e a antecipar a segunda edição durante o ano de 1868.

Kardec publicou, mensalmente a revista de janeiro de 1858 até o mês de sua morte, em março de 1869. Ela se torna uma obra de fundamental importância para entender o espiritismo como um campo de conhecimento que estava em pleno vigor de crescimento, tanto de em termos de conteúdo, como de movimento de ideias. A revista chegava aos mais variados pontos do planeta de forma rápida e periódica. Da mesma forma, se somava a tantos outros periódicos que tratavam da questão do espírito, fazendo parte de um movimento em torno dos estudos espirituais e das diversas publicações

que existiam, principalmente em língua inglesa.

Após a morte de Kardec, a revista, assim como o movimento espírita, passou por transformações e dissenções entre seus membros. A liderança e centralização de Kardec se diluiria nos interesses difusos dos continuadores, sendo que Pierre Gaëtan Leymarie foi a principal figura nas mudanças de rumo. Depois de diversas manobras, ele assumiu, de forma individual, todo o espólio do espiritismo, ficando ao seu gosto pessoal a continuidade da Revista Espírita que passou a publicar artigos com teor místico e, muitas vezes, contrários aos fundamentos do espiritismo. Mesmo com Amélie Boudet tendo dado início às mudanças, mas com a intensão de manter o legado e a vontade de descentralização de Kardec, ela própria foi vítima das manobras de Leymarie.

Após diversas mudanças no rumo do movimento espírita (vide capítulo VII), a Revista Espírita passou pelas mesmas etapas de mudança e declínio de importância para a sociedade, como para o movimento espírita. Se a época de Kardec era um periódico bem conceituado, lido e debatido por pessoas que queriam a compreensão do que é o fenômeno espírita, após a sua morte, passou a integrar o roll de publicações místicas e de interesse financeiro, por parte de seus líderes.

Faz-se necessário entender, portanto, que a Revista Espírita – dos anos de 1858 a 1869 – tem uma importância fundamental na compreensão do processo de construção contínua do espiritismo. Uma escola de pensamento, ou uma filosofia, ou uma ciência, não se dá por decreto, mas por processos de construção de conhecimento acerca do objeto de estudo e de suas consequências para a humanidade, e a Revista Espírita é parte fundamental nisto.

6 AS OBRAS BÁSICAS

Destaque dos livros mais importantes do ponto de vista da lógica pedagógica do espiritismo

Como já escrito nesta obra, a maior preocupação de Kardec sempre foi com a educação. Desde sua formação intelectual, sua profissão como professor e a descoberta da realidade espiritual, ele sempre enxergou a educação como meio mais eficaz de desenvolvimento humano. O progresso do ser se opera a partir do aprendizado nas infinitas experiências vivenciadas no decorrer das reencarnações. Isso deve ser entendido a partir de uma perspectiva de educação acerca do que é a vida e seu sentido.

Como sabemos, os espíritos nos ensinaram que fomos todos criados *simples e ignorantes*, por-

tanto, com todo um universo a ser aprendido e experienciado pelo Sr. Kardec então desenvolve suas obras com interesse precípuo em educar as pessoas para a revolução que o espiritismo traz. Em nenhum momento ele faz prosélitos, pelo contrário, o combate. A todo instante Kardec nos chama para a necessidade de aprender e aplicar o aprendizado no bem comum. Educar para a realidade espiritual não é a busca frenética de conversão de pessoas para uma seita ou religião, mas trazer luz ao que antes era obscuro e desvendar uma realidade que antes estava restrita nos domínios da fé, e que com a ciência espírita foi desvelada.

A vasta obra kardequiana merece ser minuciosamente explorada para uma compreensão de seu legado. Para o presente texto, vamos fazer algumas considerações acerca do que o leitor deve priorizar como as primeiras obras a serem lidas para conhecer as principais ideias acerca do espiritismo. Não cabe aqui um aprofundamento de cada obra dele, mas faremos uma pequena interlocução entre Kardec e aos que querem dar seus primeiros passos no estudo do espiritismo.

Há um debate dentro do movimento espírita se a primeira obra a ser lida seria *O livro dos espíritos* ou *O que é o espiritismo*. Alguns poucos ainda dizem

que devemos começar pelo *O livro dos médiuns*, mas somente aqueles que adentram no espiritismo pelos processos mediúnicos que lhe afetam.

O que é o espiritismo

Como se trata de uma obra e uma coleção introdutória sobre Kardec e o espiritismo, o primeiro livro para conhecer os princípios do espiritismo é *O que é o espiritismo*. Essa leitura como inicial é uma recomendação do próprio fundador do espiritismo, uma vez que lá contém as principais ideias, como também tem uma didática inicial de diálogos para dirimir dúvidas acerca do espiritismo. Além disto faz um resumo de *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns*.

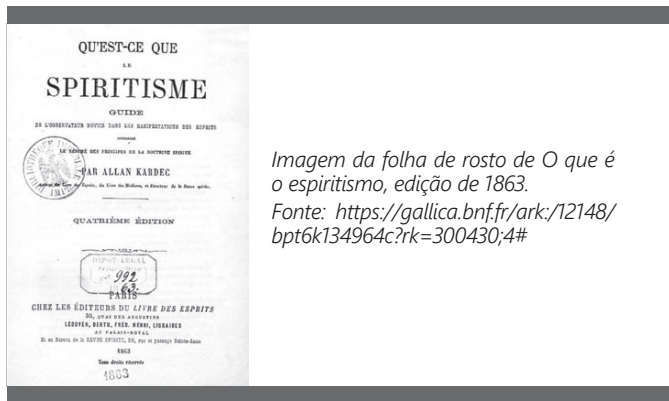


Imagem da folha de rosto de O que é o espiritismo, edição de 1863.

Fonte: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k134964c?rk=300430;4#>

O que é o espiritismo também tem, de forma mais direta, conceitos que foram construídos em outras obras, mas que aqui ficam de forma mais direta, mais prática. É onde encontramos um Kardec mais pragmático, mais direto, sem rodeios e com vontade de continuar sua caminhada, sem ser importunado por pessoas frívolas que querem tumultuar ou por curiosos que queiram algo mais rápido para entender o espiritismo.

O livro dos espíritos

Em seguida, É de suma importância a leitura de *O livros dos espíritos*. Ali constam, de forma bem vasta, as ideias centrais do espiritismo, os fundamentos

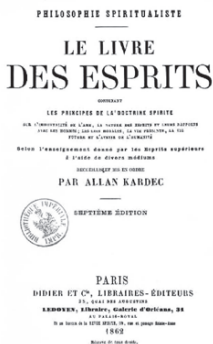


Imagem da folha de rosto de O livro dos espíritos, edição de 1862.

Fonte: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k134964c?rk=300430;4#>

científicos e filosóficos que o norteia. A um leitor desavisado, é uma surpresa se deparar com uma obra que tenha mais de mil perguntas e respostas sobre vários assuntos de interesse da existência humana. Kardec também contribui, além da organização do livro, com comentários acerca das respostas dos espíritos, bem como ele faz uma dissertação acerca do próprio espiritismo na introdução da obra. É uma obra monumental, uma vez que, quem o lê pela primeira vez se depara com tantas reflexões que nos são caras, com tantas perguntas interessantes e respostas muito esclarecedoras, que, ao final da leitura, parece que cria um *looping* em nossa mente, com a necessidade urgente de reler... reler...

Não à toa é a primeira obra. É o fruto das pesquisas e da curiosidade. Quem não tem perguntas a fazer para espíritos? Quem não tem questionamentos que sentimos que não estão ainda esclarecidos? Todos nós os temos. Kardec, brilhantemente, construiu uma obra a partir dessa premissa de curiosidade e necessidade de conhecer os meandros da vida e da existência, e ele ainda conseguiu escrever um livro didaticamente interessante e que, a partir dele o espiritismo seria lançado ao mundo como uma escola de pensamento que tem uma grande contribuição no entendimento do mundo.

O livro dos médiuns

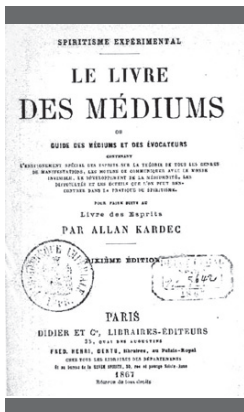


Imagem da folha de rosto de O livro dos médiuns, edição de 1867.

Fonte: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k324491w?rk=536483;2>

Um terceiro e importantíssimo livro, dentro da bibliografia kardequiana, é *O livro dos médiuns*, que o mesmo denominou como complemento ao *livro dos espíritos*, e que tem suma importância aos que estudam e praticam a mediunidade a partir da perspectiva espírita. Isto quer dizer, contém a explicação teórica de diversos fenômenos que foram observados por Kardec e a partir das instruções que os espíritos lhes transmitiam. Contém também conceitos e categorização dos(as) médiuns, segundo às manifestações mediúnicas. Trata também da questão moral do(a) médium, dos perigos de uma mediunidade frívola. Enfim, é um manual prático

da mediunidade, tanto para médiuns, quanto para estudantes dos fenômenos espíritas.

Kardec então, escreve uma obra fundamental para o entendimento do espiritismo, formando com *O livro dos espíritos*, a base fundamental de seu entendimento.

A gênese

Para finalizar, recomenda-se *A gênese*, além de ser o último livro lançado, mas não a última obra, é de suma importância para entender o emaranhado que é o espiritismo. Trata-se de um livro em que Kardec parece querer culminar as principais ideias do espiritismo, e ao mesmo tempo trazer novas hipóteses teóricas acerca da gênese terrestre, os



Imagem da folha de rosto de A gênese, edição de 1868.

Fonte: https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001101529597/IMG00000009

milagres de Jesus e as predições. Para tanto ele retoma e se aprofunda na questão da revelação espírita, da divindade e sobre o bem e o mal para dar início a sua teoria acerca da gênese terrestre. Na segunda parte explica a visão espírita dos milagres, desmistificando-os e dizendo que se “existem fatos que não compreendemos, é que nos faltam, ainda, os conhecimentos necessários.”³⁸ Desta forma, Kardec busca trazer para os fenômenos naturais, e passíveis de explicação, tudo o que é tido como maravilhoso e sobrenatural. Discorre então para dar explicações, à luz da ciência da teoria espírita, sobre os milagres contidos no evangelho. Na terceira parte ele busca explicar as predições a partir da perspectiva espírita, dizendo que o progresso espiritual é a chave para enxergar mais longe e para ter ciência dos acontecimentos, antes que os espíritos ainda em escala inferior possam enxergar. Tirando o caráter místico, e inserindo um caráter de progresso.

Kardec finaliza o livro com um misto de ufanismo e ciência da realidade. Primeiramente ele pensa que os progressos de seu tempo foram suficientes para que a humanidade desse passos rápidos a um mundo de felicidade, ao mesmo tempo ele diz que o progresso moral é a chave de assegurar a felicidade futura da humanidade. Ele sintetiza bem a questão

do progresso irreversível e o papel do espiritismo:

*"O espiritismo não criou a renovação social, pois a maturidade da humanidade faz dessa renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela elevação de seus propósitos, pela generalidade das que questões que ela abraça, o espiritismo está, mais que todas as outras doutrinas, apto a secundar o movimento regenerador."*³⁵

Desta forma, conhecer a *A gênese*, é encontrar um livro que tenta resumir e apontar para o futuro da humanidade, e o papel do espiritismo nesse futuro.

Sobre o referido livro, recomendamos a edição da FEAL (Fundação André Luiz), publicada primeiramente em 2018, a partir da obra original de Kardec, ou seja, da primeira a quarta edição, que são idênticas, sem alterações. Isto porque, após as pesquisas de Simone Privato, temos somente a comprovação de que Kardec foi o depositário na Biblioteca Nacional da França de *A Gênese* até a 4ª edição, restando dúvidas acerca da 5ª edição em diante. Então, diante de uma possível adulteração a partir da 5ª edição, recomendamos essa referida publicação, e mesma conta mais sobre a pesquisa e a controvérsia. Até a conclusão deste livro, somente a FEAL tinha publicado a obra original em português.

Como dito anteriormente, a bibliografia kardequiana é vasta e muito rica, no entanto, para o leitor(a) que está adentrando no espiritismo e gostaria de conhecer os seus fundamentos, essas obras supracitadas são mais que suficientes para o início desse processo.

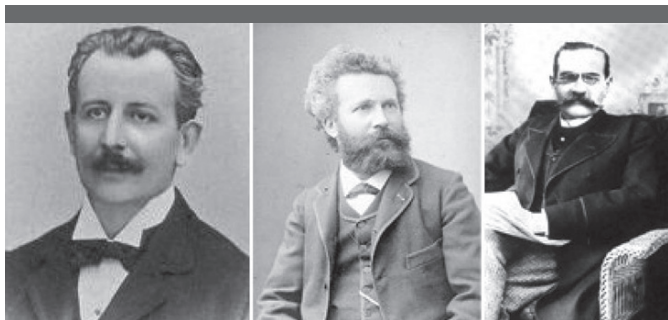
Do ponto de vista do estudo do espiritismo, é difícil dizer as obras mais importantes e apontar somente três ou quatro, uma vez que, dependendo da área de interesse, outros livros podem ser mais importantes. Aos que se interessam pelo estudo da moral, além de *O livro dos espíritos*, que contém seus fundamentos, pode-se estudar também *O evangelho segundo o espiritismo* e mesmo *O céu e o inferno*. Para quem quer se dedicar a estudos históricos, a *Revista Espírita* é fundamental, além de sua importância mencionada no capítulo dedicado a mesma.

7 OS CONTINUADORES DE KARDEC

O coração de Allan Kardec vinha dando sinais de debilidade há alguns anos, mas foi na manhã do dia 31 de março de 1869 que parou definitivamente, levando o corpo ao chão e provocando a partida do espírito imortal depois de quase 65 anos de vida física.

Legou ele à humanidade um patrimônio extraordinário, especialmente moral e intelectual. Sua esposa – “minha querida Amélie”, como a ela se referia muitas vezes nas cartas que lhe escrevia – postou-se à frente do patrimônio, juntamente com alguns integrantes da equipe de Allan Kardec, até pouco depois constituir a estrutura jurídica e administrativa que o levaria adiante. Ao mesmo tempo, inúmeros

personagens do entorno próximo e distante foram aos poucos espontaneamente assumindo a condição de destaque como continuadores da obra, especialmente nos campos filosófico e científico. Entre estes, destaque para três nomes: Gabriel Delanne, Camille Flammarion e o então jovem, Léon Denis, cuja obra intelectual adquiriu enorme destaque ao longo do tempo.



Gabriel Delanne, Camille Flammarion e Léon Denis

Em diversos momentos de sua vida já na condição de fundador do espiritismo, Allan Kardec registrou sua visão e preocupações com relação ao futuro da obra, expondo orientações com essa finalidade. Quando, pois, advém seu falecimento, a esposa e herdeira Amélie Gabrielle Boudet ostentava boa saúde e lucidez aos 74 anos de idade.

A SPEE foi mantida com suas atribuições precípuas, constituindo-se, a seguir, a Sociedade Anônima da Caixa Geral e Central do espiritismo, à qual incumbiria a difusão do doutrina, a edição dos livros de autoria de Allan Kardec e outras obras, bem como a manutenção da Livraria Espírita e publicação da Revista Espírita.

Os três primeiros administradores da Sociedade Anônima eleitos foram Armand Desliens, que era também secretário-gerente da Revista Espírita, Jean Marie TAILLEUR e Edouard Mathieu BITTARD. Amélie Gabrielle Boudet, junto com Gustave Achille Guilbert, assumiu o Conselho Superior.

Desde os seus primórdios, a Sociedade Anônima enfrentou serias oposições, especialmente sob o

CURIOSIDADE

Allan Kardec entendeu que deveria sucedê-lo, após sua morte, uma comissão. Registrou, então: Em vez de um comandante único, a direção será confiada a uma comissão central permanente, cuja organização e atribuições se definam de forma a não dar azo ao arbítrio. Essa comissão se comporá de, no máximo, doze membros titulares, que deverão, para tal efeito, preencher determinadas condições indispensáveis, e de igual número de conselheiros³⁶.

argumento de não cumprir com fidelidade os preceitos estabelecidos por Allan Kardec no documento Constituição do espiritismo, de 1868, constante do livro *Obras póstumas*.

Em 1871, Desliens se demitiu e foi substituído por Pierre Gaetan Leymarie, antigo membro e médium da SPEE, sob o qual a Sociedade Anônima conheceria alterações profundas, ao longo dos anos, sendo exemplos a introdução de doutrinas espúrias, tais como as de Roustaing contidas na obra *Os quatro Evangelhos*, e a de Madame Blavatsky, a *Teosofia*, além, é inevitável registrar, dos desvios no campo econômico-financeiro.

Quando em Paris a Sociedade Anônima para a continuidade das obras de Allan Kardec se extinguiu, totalmente envolvida em dívidas e com profundos desvios doutrinários, a obra de Roustaing também desapareceu, obra esta que havia sido revivida, registre-se, depois de um período de 14 anos de ostracismo, sob a complacência de Leymarie e o uso indevido da Revista Espírita para difundi-la.

Roustaing, entretanto, reapareceria no Brasil, em paralelo ao crescimento dos adeptos do espiritismo pelos anos de 1870. Os poucos crentes roustainguistas reivindicavam um lugar para seu líder ao lado de

Kardec, seguindo o exemplo do que ocorreu em França. Seus principais núcleos foram a Sociedade Espírita Fraternidade e o Grupo Sayão, ambos no Rio de Janeiro. Quando alguns de seus adeptos – sempre poucos e não aceitos pelos espíritas – se transferiram para a Federação Espírita Brasileira (FEB) em 1895, sob a liderança de Bezerra de Menezes, as teses roustinguistas e os próprios adeptos foram encampados, encontrando, assim, o campo fértil para a disseminação no país da ideologia constituída de suas ideias e crenças.

8 ANÁLISE CRÍTICA DAS “REENCARNAÇÕES” DE KARDEC



Mas, ah! a verdade não será conhecida de todos, nem crida, senão daqui a muito tempo! Nessa existência não verás mais do que a aurora do êxito da tua obra. Terás que voltar,

reencarnado noutro corpo, para completar o que houveres começado e, então, dada te será a satisfação de ver em plena frutificação a semente que houveres espalhado pela Terra.

O ditado acima foi escrito em uma sessão na casa do Sr. Baudin, no dia 17 de janeiro de 1857 em Paris, praticamente três meses antes do lançamento de *O livro dos espíritos*. As palavras são de Zéfiro que, no dizer de Kardec, “não era um Espírito superior, porém muito bom e muito benfazejo”. Kardec as interpretou como sendo uma indicação de uma futura reencarnação sua.

Três anos e alguns meses depois do lançamento de *O livro dos espíritos*, precisamente em 10 de junho de 1860, um espírito com quem Kardec dialogava sobre a extensão de sua obra lhe diz, entre outras coisas: “Ausentar-te-ás por alguns anos e, quando voltares, será em condições que te permitam trabalhar desde cedo”. Kardec não teve dúvidas de que se tratava de uma futura volta sua a um novo corpo físico. Chegou ele a calcular que reencarnaria ao final daquele século ou início do seguinte.

A partida de Allan Kardec deu início a inúmeras especulações sobre seu retorno, quando se daria e na figura de quem se apresentaria. A questão da volta dele ao corpo físico tem sido objeto de ques-

CURIOSIDADE

Mais de uma dezena de indivíduos já foram apontados como sendo a reencarnação de Allan Kardec. Nenhum confirmado.

tionamento há muitos anos e já surgiram mais de uma dezena de pessoas que seriam, supostamente, a reencarnação do codificador. Algumas, sem nenhuma credibilidade, se revelaram a si próprias como sendo Kardec; outras, por ação de terceiros, foram indicadas.

A notícia mais antiga que possuímos a respeito de uma suposta reencarnação de Allan Kardec é fornecida por Léon Denis, em seu livro *O gênio céltico e o mundo invisível*. Refere-se ele a um francês de 30 anos de idade, natural da região do Havre, que teria nascido em 1897, portanto, seguindo à risca o raciocínio do próprio codificador quanto à época do seu possível retorno. Denis não deu crédito à notícia e o assunto foi encerrado.

O Brasil tem sido o país onde a maioria das notícias e especulações sobre a reencarnação de Allan Kardec ocorrem. Na cidade de São Paulo, Oswaldo Polidoro, nascido no mesmo ano de Chico Xavier e desencarnado dois anos antes deste, ou seja, em 2000, se dizia não só Kardec, mas, também, Moisés e outros. Foi o fundador da seita Divinismo.

Em Niterói, estado do Rio de Janeiro, o professor Erasto de Carvalho Prestes tinha certeza de que conhecera, e muito bem, o codificador de volta. Era seu pai! Sobre isso, escreveu um pequeno livro, que ele mesmo publicou à falta de editor. Denominou-o *Eu conheci Allan Kardec reencarnado*.

Na cidade de Birigui, Estado de São Paulo, um senhor de nome João Lopes Hidalgo, lavrador, fora tido como a reencarnação de Kardec. Não tendo oportunidade de ir à escola, aprendeu a ler e a escrever tendo por mestre o próprio Cristo, segundo disse. Escreveu um volumoso livro intitulado *Profecia natural mediante Humano* em 1933 e, em 1939, criou a Irmandade do Puro Cristianismo.

Nascido em 1910 na cidade mineira de Pedro Leopoldo, o médium Francisco Cândido Xavier se tornou a maior expressão do espiritismo no Brasil e um dos grandes nomes no cenário literário mundial. Os que defendem ser ele a reencarnação de Allan Kardec formam um grupo considerável e suas opiniões têm mais ou menos os mesmos argumentos. São classificados como “chiquistas” e assumem esse jargão, alguns até com certa ironia. Desse grupo despontam pessoas como a Dra. Marlene Rossi Severino Nobre, Weimar Muniz de Oliveira, Adelino da Silveira, Arthur Massena, Dr. Jarbas Leone Varanda e outros³⁷.

Arthur Massena, jornalista, presidiu a Sociedade de Medicina e espiritismo do Rio de Janeiro por 30 anos. Utilizava o pseudônimo de Milton de Andrade. Escreveu um artigo publicado no jornal Desobsessão, de Porto Alegre, em outubro de 1972, afirmando que Chico Xavier era a reencarnação de Allan Kardec, e em maio de 1978 reforçou sua opinião sobre a relação Chico-Kardec. O primeiro trabalho tem por título "*Allan Kardec está reencarnado no Brasil como Chico Xavier*", e, o outro, "*Chico Xavier, o grande evangelizador*".

Em 1990, o Sr. Adelino da Silveira externou sua opinião favorável através do livro *Kardec prossegue*, publicado em São Paulo, cuja capa apresenta uma fusão fotográfica dos dois personagens. Trata-se de um trabalho singelo em que a racionalidade científica não é levada em consideração.

Com o título "*A Volta de Allan Kardec*", o jornal *Espírita Mineiro*, na edição abril/maio de 1998 publicou mensagem psicografada por Antônio Baduy Filho, cuja autoria é atribuída ao Espírito Hilário Silva. Foi recebida no dia 31 de outubro do ano anterior, na Confraternização de Mocidades e Madurezas Espíritas do Triângulo Mineiro em Ituiutaba, MG. Essa mensagem desencadeou uma série de manifestações favoráveis à ideia de uma reencarnação de Allan Kardec como Chico Xavier.

As opiniões da Dra. Marlene Nobre estão na longa "entrevista" por ela dada ao jornal Folha Espírita, edição 291, de junho de 1998, do qual era a editora-chefe. Médica, cofundou e presidiu durante muitos anos a Associação Médico Espírita do Brasil. A Dra. Marlene deu a entrevista também para falar do assunto em decorrência da mensagem "*A Volta de Allan Kardec*", recebida pelo Dr. Antônio Baduy Filho. Segundo ela, desde os tempos em que estudava medicina e frequentava o círculo dos amigos de Chico Xavier, em Uberaba, tinha certeza de que o médium era a reencarnação de Allan Kardec. Embora médica, não tinha então nenhuma preocupação em apresentar evidências científicas a respeito do assunto.

O tema da reencarnação de Kardec, como se vê, tomou proporções gigantescas e está presente, de forma insolúvel, até os dias atuais. A maioria dos que combatem as propaladas opiniões de que ele reencarnou no Brasil ou alhures, entre os quais estão os espíritas laicos e livres-pensadores, aponta para o fato de que em assunto dessa importância somente provas ou evidências incontestáveis poderão conduzir a uma conclusão definitiva. Até aqui, essas provas não surgiram.

9 CONCLUSÃO

Em sua primeira carta datada de 13 de agosto de 1831 àquela que viria a ser em pouco tempo sua esposa, o jovem Rivail escreveu: “A senhorita certamente não ficará surpresa por não encontrar nesta carta o estilo frequentemente empregado em tal ocasião; confesso-lhe que não estou habituado a ele, e que não sinto nenhuma disposição para essas demonstrações enfáticas, cuja realidade se assenta apenas sobre um sentimento em geral muito fugaz”.

Rivail distanciou-se da fugacidade das coisas ao longo de toda a sua existência física, evitando-a e buscando a realização de uma obra com a marca da permanência. Mas, para sua surpresa, só foi de fato encontrar essa obra após os 50 anos de idade, ao

descobrir as personalidades inteligentes que estavam por trás das respostas também inteligentes dadas pelas mesas girantes.

Eureca! Rivail fez-se substituir a si mesmo por Allan Kardec, uma personalidade antiga e desconhecida, a qual assinou uma verdadeira revolução no campo da espiritualidade. A obra que começou com o explosivo *O livro dos espíritos* atribuiu o sentido da materialidade aos espíritos e as almas, ao mundo invisível e suas relações com o planeta e seus habitantes, entendeu a função da mediunidade na evolução do ser humano, resgatou em bases mais amplas a tese da reencarnação, refletiu sobre as leis naturais, destacou o caráter evolutivo dos seres inteligentes e redesenhou a Inteligência Suprema, Deus, como base e princípio de tudo.

O período de 12 anos entre a publicação do primeiro livro e a partida do fundador do espiritismo encontrou em Kardec a disposição que o levou a erguer os pilares indispensáveis à sustentação do edifício chamado espiritismo, fixando-lhe com racionalidade o sentido progressista dos conhecimentos enfeixados no seguinte lema: onde a ciência avançasse a doutrina se modificaria, porque o espiritismo caminha passo a passo com o progresso.

Finalmente, com sua partida, a continuidade dos conhecimentos enfeixados nas obras que compõem o espiritismo seguiria pelas mãos dos seus estudiosos e continuadores, sendo, por isso, o edifício espírita um corpo em contínuo aperfeiçoamento.

INDICAÇÕES DE LEITURAS DE INTERESSE

Elias Moraes. *Contextualizando Kardec: do Século XIX ao XXI*. Editora Kelps, 2020.

Eric J. Hobsbawm. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. Editora Paz e Terra.

Augusto Comte. *Discurso Sobre o Espírito Positivo*. Ed. EDIPRO

Charlie Huenemann. *Racionalismo*. Editora Vozes

Giovanni Reale e Dario Antiseri. *Filosofia: Idade Moderna. Volume 2*. Paulus Editora

INDICAÇÕES DE SITE DE INTERESSE

<https://cepainternacional.org/site/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Garcia, W. Kardec é razão, Ed. EME, 2ª, Capivari, SP, 2014
2. Seth Bastos, C. *Espíritos sob investigação: Resgatando parte da história* (p. 36). ©2022 CCDPE - ECM. Edição do Kindle.
3. Incontri, D. ABPE_siteArtigos Pestalozzi e Kardec.pdf (pampedia.com.br)
4. Seth Bastos, C. *Espíritos sob investigação: Resgatando parte da história* (p. 56). ©2022 CCDPE - ECM. Edição do Kindle.
5. Seth Bastos, C. *Espíritos sob investigação: Resgatando parte da história* (p. 31), ©2022 CCDPE - ECM. Edição do Kindle.
6. Lynn Hunt. *Política, Cultura e Classe na Revolução Francesa*.
7. Eric Hobsbawm. *A Era das Revoluções*.
8. Allan Kardec, *Minha primeira iniciação ao espiritismo: Obras Póstumas*. Brasília, Federação Espírita Brasileira. Tradução de Guillon Ribeiro, 2019, p. 226-230.
9. Comte, Auguste. *Curso de filosofia positiva*; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista / Auguste Comte; seleção de textos de José Arthur Giannotti; traduções de

José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

10. **KARDEC, Allan.** *O espiritismo é uma Ciência Positiva.* Revista Espírita, Paris, Vol 7, p. 419-428, novembro, 1864. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/WEB-Revista-Espirita-1864.pdf>.
11. **Heisenber, W.** *A Parte e o Todo: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política.* Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
12. **Kardec, Allan.** *O livro dos espíritos.* Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. Introdução, item IV, p. 39-40.
13. **Kardec, Allan.** *O livro dos espíritos.* Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. Introdução, item IV, p. 60.
14. **Kardec, Allan.** *O que é o espiritismo. O Maravilhoso e o Sobrenatural.* 56. ed. 1. imp. - Brasília: FEB, 2013 p. 59-61.
15. **Kardec, Allan.** *O livro dos espíritos.* Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. Introdução, p. 40.
16. **Kardec, Allan.** *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo,* tradução: Carlos de Brito Imbassahy, Guarulhos, 2018, Fundação André Luiz. Cap. XIII, p. 272-273.
17. **Kardec, Allan.** *O que é o espiritismo. O Maravilhoso e o Sobrenatural.* 56. ed. 1. imp. – Brasília: FEB, 2013 p. 40.
18. **Kardec, Allan.** *O livro dos espíritos.* Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2006. Tradução: Evandro Noleto Bezerra, p. 111.

19. Kant, *Crítica da Razão Pura*, Introdução Item III, p. 47.
20. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. Introdução, p. 109.
21. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006. Tradução: Evandro Noleto Bezerra. Introdução, p. 126.
22. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Brasília: Federação Espírita, 2013. Brasileira. Tradução Guillon Ribeiro, p. 235.
23. Kardec, Allan. *O que é o espiritismo*. 56. ed. 1. imp. – Brasília: FEB, 2013, p. 59-60.
24. *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus, 2006. Tradução de João Paixão Netto, p. 644.
25. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006. Tradução: Evandro Noleto Bezerra, p. 366.
26. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006. Tradução: Evandro Noleto Bezerra, p. 292.
27. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Brasília: Federação Espírita, 2013. Brasileira. Tradução Guillon Ribeiro, p 44.
28. Kardec, Allan. *Discurso de abertura pelo sr. Allan Kardec: o Espiritismo é uma religião?*. Revista Espírita, Paris, Vol 11, p.456-467, dezembro, 1868. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/WEB-Revista-Espirita-1868.pdf>.

29. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Brasília: Federação Espírita, 2013. Brasileira. Tradução Guillon Ribeiro. p. 40.
30. Kardec, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Brasília: Federação Espírita, 2013. Brasileira. Tradução Guillon Ribeiro. p. 42.
31. Kardec, Allan. *Minha primeira iniciação ao espiritismo – Obras póstumas*, p. 327 - 328.
32. Kardec, Allan. *Introdução. Revista Espírita*, Paris, Vol 1, p.21-28, janeiro, 1858. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/WEB-Revista-Espirita-1858.pdf>.
33. Kardec, Allan. *Introdução. Revista Espírita*, Paris, Vol 1, p.21-28, janeiro, 1858. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/WEB-Revista-Espirita-1858.pdf>.
34. Kardec, Allan. *Caracteres dos milagres: A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*, tradução de Carlos de Brito Imbassahy, Guarulhos, 2018, Fundação André Luiz. Cap. XIII pp 270-281.
35. Kardec, Allan. *Sinais do Tempo: A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*, tradução de Carlos de Brito Imbassahy, Guarulhos, 2018, Fundação André Luiz. Cap. XVIII, pp. 395-407.
36. Kardec, Allan. *Obras póstumas*, ed. Mundo Maior, São Paulo, SP.
37. Garcia, W. *Chico, você é Kardec?* Ed. EME, 2ª edição, Capivari, SP, 2015.

SOBRE OS AUTORES

Matheus Laureano

Bacharel e Mestre em Psicologia Social
Empresário

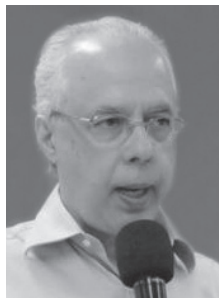
Autor de livros didáticos e infantis e
peças de teatro



Wilson Garcia

Jornalista, pós-graduado em Comunicação Jornalística, mestre em Comunicação e Mercado, escritor, membro do Conselho da Fundação Maria Virgínia e J. Herculano Pires, presidente do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc – 2020-).

Atuou em instituições como: Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE), Editora e Jornal Correio Fraternal do ABC, Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado de São Paulo (ADE-PE). É autor, coautor e organizador de cerca de 40 livros, entre os quais *Você e os Espíritos*, *Kardec é Razão*, *Os Espíritos falam. Você ouviu?*, *Doca e o menino*, *Ponto Final – o reencontro do espiritismo com Allan Kardec*.



Sobre o Livro

Formato: 11,5 cm x 16 cm
Tipologia: Segoe UI - 11/14
1ª Edição: 2023

COLEÇÃO LIVRE-PENSAR: ESPIRITISMO PARA O SÉCULO XXI

Série 1 – Temas Fundamentais

- Livro 1** - O espiritismo na perspectiva laica e livre-pensadora
- Livro 2** - A imortalidade da alma
- Livro 3** - Mediunidade: intercâmbio entre dois mundos
- Livro 4** - Reflexões sobre a ideia de Deus
- Livro 5** - Reencarnação: um revolucionário paradigma existencial
- Livro 6** - A evolução dos espíritos, da matéria e dos mundos
- Livro 7** - Espiritismo, ética e moral
- Livro 8** - Allan Kardec: fundador do espiritismo

ISBN: 978-65-89240-32-7

CDL



9 786589 240327